

ANO XXXV — N.º 3

BOLETIM PECUÁRIO

1967

«DISTRITO DE COIMBRA — BREVES NOTAS
SOBRE A REGIÃO E A SUA PECUÁRIA»

Por

JOSÉ DE JESUS CANEJO PAIS DORDIO

com a colaboração de

JOAQUIM DOMINGOS BORREGO

Sobre «Programação» ou «Planeamento» disse o Dr. Bruno Knaal na Conferência que em 20 de Março de 1961 proferiu em Lisboa, sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian:... «a primeira fase consiste no diagnóstico da situação passada e actual, relativamente aos três factores de produção: os homens, os recursos naturais e os capitais. No fundo esta análise não pertence ainda à programação propriamente dita, visto que constitue apenas um inventário económico, social e humano de tudo quanto dispõe o país em causa»...

Mais remotamente, em 1870, Bernardo Lima afirmou: «Há uma preocupação quase geral nas pessoas que pela sua posição social são chamadas a dar o seu parecer em assuntos agrícolas ou pecuários. Entendem que esses pareceres devem ser verdadeiras dissertações ou memórias científicas e não simples informações em que se descrevem os factores com a possível exactidão, sem atavios de frase nem comentários doutrinários. Daqui se deriva o desconhecimento de muitos factores de grandíssimo valor para a história da nossa economia rural».

Neste modesto trabalho procuraremos dar a conhecer factos que de algum modo concorrem para o conhecimento da região e fá-lo-emos «sem atavios de frase nem comentários doutrinários».

1 — O distrito de Coimbra, tendo por capital a bela «cidade do Mondego», situa-se nas províncias da Beira Litoral — a maior parte —, Beira Baixa — concelho de Pampilhosa da Serra — e Beira Alta — concelhos de Oliveira do Hospital e Tábua. Tem por limites os distritos de

Aveiro e Viseu ao norte, da Guarda e Castelo Branco a leste, de Leiria a sul; a ocidente mira-se no Oceano Atlântico.

Administrativamente está dividido em 17 concelhos compreendendo 192 freguesias: Arganil (17), Cantanhede (14), Coimbra (31), Condeixa-a-Nova (10), Figueira da Foz (13), Gois (5), Lousã (5), Mira (1), Miranda do Corvo (5), Montemor-o-Velho (13), Oliveira do Hospital (20), Pampilhosa da Serra (10), Penacova (11), Penela (6), Poiães (4), Soure (12) e Tábua (15).

2 — Estende-se por duas unidades independentes da Península Ibérica — a Meseta e a Orla Mesozóica Ocidental. «Aos plaios e suaves ondulações do litoral, de formação Moderna, Secundária ou Terciária, sucedem-se gradualmente para o interior as elevações Arcaicas, as cristas agrestes dos quartzitos silúricos, as montanhas profundamente ravinadas do Pré-Câmbrico, os planaltos e serranias Graníticas do Coração das Beiras». Há como que um escalonamento, do litoral para o interior, das várias idades geológicas, se bem que esse escalonamento não seja perfeitamente ordenado. Assim, bem perto da cidade de Coimbra vamos encontrar uma faixa Arcaica que partindo de Botão passa junto ao cruzamento da Portela, entra pelo concelho de Miranda do Corvo, ao qual atravessa, e vai morrer próximo de Penela; em Arganil, Lousã, Miranda do Corvo e Tábua deparam-se nos manchas de terrenos do Pleistoceno e Moderno. Muito esquemáticamente podemos dizer, para os vários concelhos do Distrito:

Arganil — A quase totalidade dos seus terrenos podem incluir-se no Pré-Câmbrico; encontram-se algumas manchas do Senoniano (Cretácico), que segundo Paul Choffat é o único membro dos terrenos Secundários que do lado português penetra profundamente na Meseta, do Pleistoceno e Moderno onde se situa a vila de Arganil, traços do Silúrico Inferior um pouco ao norte de Arganil, pequenas manchas de Granitos na parte norte do concelho.

Cantanhede — Na quase totalidade encontram-se terrenos Cenozóicos e Mesozóicos. Junto ao litoral encontram-se as Dunas, de largura

variável e que se continuam pelas areias Pliocénicas com as quais, às vezes, se confundem. A faixa Pliocénica que se estende desde Caldas da Rainha a Aveiro quase só é interrompida pelas montanhas Mesozóicas de Leiria e Buarcos; a chamada Gândara é formada toda ela pelas areias Pliocénicas. A parte setentrional do planalto de Cantanhede, junto à Bairrada, inclui-se no Liássico (Jurássico) do mesmo modo que a sua parte meridional (Portunhos, Ançã, parte de Outil) se inclui também no Jurássico. O Turoniano (Cretácico) aparece-nos entre Cantanhede e Tentúgal bordando em alguns locais o Jurássico ou então disseminando-se no Liássico da Bairrada numa linha Anadia-Tocha.

Coimbra — Nos limites do concelho incluem-se terrenos de várias categorias geológicas, desde o Arcaico ao Pleistoceno. Já nos referimos à faixa Arcaica que corta o concelho no sentido N-S; a cidade assenta em duas faixas que, também de N-S, cortam o concelho: uma — Infraliássico, mais a leste e encostada à faixa Arcaica — e outra — Liássico (Jurássico) mais a oeste e que se encosta ao planalto de Cantanhede atingindo ainda as freguesias de Eiras, Antuzede, Vilela, Botão, Souzaelas, Trouxemil e Vil de Matos. Na parte sul encontramos o Triássico com três divisões fáceis de reconhecer nas chamadas camadas dos Pereiros (grés esbranquiçados, de leitões argilosos e calcáreos) e que, estendendo-se e modificando-se mais ou menos, forma toda a faixa Triássica que repousa sobre o Paleozóico entre Tomar e Aveiro com uma largura média de 3 a 4 quilómetros. De terrenos mesozóicos, além do Infraliássico e do Liássico já citados, encontram-se no noroeste algumas manchas de Turoniano e Belasiano (Cretácico); nos limites com Penacova, no bordo oriental do concelho, há leves traços do Pré-Câmbrico. Na zona baixa predominam os terrenos Cenozóicos (Mioceno e Oligoceno, Plioceno, Pleistoceno e Moderno).

Condeixa-a-Nova — O afloramento do Liássico Superior que vai de Coimbra a Ansião atinge em Condeixa-a-Nova uma largura de mais ou menos 6 quilómetros e assim forma a maior parte dos terrenos do concelho. Nos limites de E e SE, com os concelhos de Soure e Penela, encontram-se extensas manchas de Liássico (Jurássico) (Zambujal, parte de Condeixa-a-Velha, parte de Arrifana).

Figueira da Foz — Em toda a parte oeste do concelho, entre Pom-
bal e Mira e numa larga faixa são as areias do Pliocénico que impe-
ram, só cortadas pela Serra de Buarcos que, na sua vertente norte nos
mostra terrenos do Liássico (Jurássico), na parte média os calcários de
cor carregados da Brenha e que na vertente sul é marginada por terrenos
do Turoniano (uma divisão do Cretácico). Na zona baixa do vale do
Mondegô predominam os terrenos Cenozóicos.

Gois — A vila de Gois situa-se já nos terrenos Pré-Câmbricos, o
mesmo se podendo dizer da quase totalidade do concelho. Ao norte de
Gois encontra-se uma mancha de terrenos do Pleistoceno (o vale do Ceira)
que a nordeste é cortada por farrapos do Senoniano (Cretácico). A oeste,
uma mancha do Silúrico Inferior formando as escarpas conhecidas por
«Penedos de Gois», cheios de grandeza, como imponentes são os cabeços
arredondados e quase desprovidos de vegetação que caracterizam o Pré-
Câmbrico.

Lousã — Os terrenos que constituem a maior parte do concelho
incluem-se no Pré-Câmbrico. Na parte ocidental, em contacto com Miranda
do Corvo e para o norte e nordeste da vila da Lousã encontram-se man-
chas de Senoniano (Cretácico) de dimensões consideráveis. No limite
nordeste, a mancha de Senoniano liga-se ao Pleistoceno do concelho de
Gois e a vila da Lousã, por sua vez, assenta numa mancha Pleistocénica.
Um pouco para leste do Alto do Trevim encontra-se uma crista do Silúrico
Inferior que outra coisa não parece ser senão a continuação das cristas
silúricas do Buçaco.

Mira — Situa-se inteiramente na Orla Mesozóica Ocidental. É for-
mado de terrenos Terciários (Plioceno) que se continuam pelos Quater-
nários (Dunas) sem que seja possível dizer onde acabam uns e começam
os outros.

Miranda do Corvo — A vila de Miranda assenta na faixa Arcaica
que corta o concelho no sentido N-S e que também passa por Semide,
Rio de Vide, Carapinhal, etc. Marginando esta faixa, a leste, encon-

tram-se terrenos do Pleistoceno e Moderno, e a nordeste e a sudeste aparecem-nos algumas manchas de Seroniano (Cretácico). Nos extremos nordeste e sudeste surgem-nos terrenos do Pré-Câmbrico. Bordejando a faixa Arcaica, a oeste, o Triássico faz o seu aparecimento sendo, por sua vez, marginado pelo Liássico (Jurássico).

Montemor-o-Velho — Além dos terrenos do Pleistoceno e Moderno que se encontram no vale do Mondego e, digamos, nas suas ramificações, vamos encontrar as areias Piocénicas em quase toda a freguesia de Araze de e parte das de Seixo e Gatões. A serra de Montemor, a vertente norte da Serra de Verride, incluem-se no Liássico (Jurássico). A parte média da serra de Verride inclui-se no Jurássico médio que ao sul é marginado por terrenos do Turoniano (Cretácico) que ainda se estendem numa faixa entre Tentúgal e Cantanhede. Na zona de Viso-Liceia encontra-se uma pequena mancha de Seroniano (Cretácico) que revelou a existência de 9 a 21 % de fosfatos.

Oliveira do Hospital — Todo o concelho, ou quase todo, está compreendido na zona dos Granitos; só na parte sul se podem encontrar os limites do Pré-Câmbrico e no extremo sudoeste uns farrapos de Pleistoceno.

Pampilhosa da Serra — Todo o concelho se inclui no Pré-Câmbrico. Apenas próximo de Fajão e com prolongamentos até Vidual, se encontra uma mancha de quartzitos do Silúrico Inferior.

Penacova — A oeste, nos limites com o concelho de Coimbra, encontra-se a faixa Arcaica a que já fizemos várias vezes referência. Cortando o concelho no sentido N-S e passando por Penacova encontramos uma faixa Silúrica (Silúrico Inferior e Silúrico Superior) no meio da qual se encontram algumas manchas de Seroniano (Cretácico) e alguns pequenos farrapos de Pleistoceno e Moderno. Na parte restante, domina o Pré-Câmbrico.

A chamada «Livraria do Mondego», nos «Portais de Penacova», é formada pelos quartzitos silúricos dos contrafortes da Serra do Buçaco.

Penela — A nordeste da vila de Penela vem morrer a faixa Arcaica a que nos temos referido. A oeste e sudoeste de Penela domina o Liássico (Jurássico) com as suas características de aridez bem nítidas e no extremo sudoeste o Dogger (Jurássico) faz a sua aparição. A vila de Penela assenta em terrenos do Infraliássico e do Triássico e um pouco para sul deparam-se-nos manchas de Pleioceno (as baixas da Quinta da Boiça, de Pastor, da Fonte do Espinhal). No limite nordeste encontra-se uma pequena mancha de Senoniano (Cretácico) que se prolonga pelo concelho de Miranda do Corvo. É na parte sudeste do concelho que se encontram os terrenos mais antigos, digamos: o Silúrico Inferior que constitue o chamado «Esporão do Espinhal» e o Pré-Câmbrico dos contrafortes da Serra da Lousã.

Poiares — A maior parte inclue-se no Pré-Câmbrico, mas no extremo nordeste o Silúrico Inferior e o Silúrico Superior fazem o seu aparecimento no prolongamento da Serra do Buçaco. A sudeste e próximo de Poiares, o Senoniano (Cretácico) evidencia-se numa faixa que se estende para nordeste e sudoeste (são os arenitos do Senoniano aqui bastante duros e que permitem a fabricação de mós de moínho). Note-se que a cor dos Grau-Waques do Silúrico muda do vermelho sujo da base da Serra do Buçaco para o vermelho vivo junto de S. Miguel de Poiares. No extremo sul do concelho depara-se-nos uma pequena mancha de Pleistoceno.

Soure — Assinalam-se duas pequenas manchas Basálticas a leste de Soure, uma mancha considerável de terrenos do Mioceno a sudoeste, algumas zonas do Plioceno e uma extensão apreciável de terrenos, que se incluem no Pleistoceno e Moderno. O Jurássico médio forma a Serra de Degracias e ao Jurássico pertencem ainda outras manchas disseminadas no concelho (Dogger e Liássico). O Turoniano e o Belasiano (Cretácico) aparecem-nos numa faixa que, marginando o Pleistoceno, vai de um pouco ao norte de Soure até próximo de Alfarelos.

Tábua — Quase todo o concelho se inclue na zona dos Granitos. Junto a Tábua e no extremo sudeste do concelho encontram-se manchas do Pleistoceno. Nos limites oeste e sudoeste do concelho o Pré-Câmbrico faz, em pequena extensão, o seu aparecimento.

3— Falar da hidrografia do distrito de Coimbra é praticamente falar do Mondego, o belo rio que é chamado «Mondeguinho» pouco depois da nascente, que em certa parte do seu curso parece zangar-se e é violento e torrencial mas que «envelhece» ao atingir Coimbra para que nas suas águas mansas se mirem as Tricanas e se inspirem os trovadores.

A bacia hidrográfica do Mondego estende-se, na sua maior parte, no distrito de Coimbra e a hidrografia do Distrito, recíprocamente, quase se limita à bacia hidrográfica do Mondego. Além do Mondego podem citar-se o Alva, o Ceira, o Arunca, o Dueça e no alto distrito o Cobral, a ribeira de Ceia, o rio dos Cavalos. O rio Unhais, pertencente à bacia do Zêzere, corre no concelho de Pampilhosa da Serra e o próprio Zêzere serve de limite ao Distrito desde um pouco acima de Dornelas do Zêzere até próximo de Várzea. Diremos somente que o Mondego banha os concelhos de Penacova, Poiares, Coimbra, Montemor-o-Velho, Soure e Figueira da Foz; que o Ceira, com o seu afluente Arouce, tem a maior parte do seu curso nos concelhos de Gois e Lousã, que o Alva corre por Arganil na maior parte do seu percurso, que o Arunca depois de correr por Soure atinge a Figueira da Foz e que o Dueça corre por Miranda do Corvo e Penela. Mencionaremos ainda, como acidentes hidrográficos dignos de nota, a ribeira das Fervenças que corre no concelho de Cantanhede, e a Barrinha de Mira.

4— Como principais acidentes orográficos, partindo do interior para o litoral, citaremos:

A Serra da Estrela, que concorre para o relevo dos concelhos de Oliveira do Hospital, de Tábua e de Pampilhosa da Serra;

A Serra de S. Pedro de Açor, que influencia os concelhos de Arganil, parte de Gois, parte da Lousã, parte de Pampilhosa da Serra;

A Serra da Lousã, que abrange parte de Gois, parte de Miranda do Corvo, uma pequena parte de Poiares, Lousã e parte de Penela;

A Serra do Buçaco, que influencia o relevo de Penacova e parte de Poiares, com as chamadas serras de Carvalho e de S. Pedro Dias, respectivamente;

A Serra da Boa Viagem, que serve de miradouro à Figueira da Foz;

A Serra de Sicó, que faz sentir os seus efeitos em Soure (Serra de Degraçias), Penela e ainda em Condeixa-a-Nova.

As Serras de Verride e Montemor podem considerar-se como relevos locais se me permitem a expressão.

Registam-se no Distrito altitudes que vão desde a cota dos «0 a 25 metros» até à de «1200 a 1300 metros». O alto de Trevim, no concelho de Lousã, é dos pontos mais altos do Distrito. Os concelhos com menor altitude média são os de Mira, Cantanhede, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho.

A altitude média da cidade de Coimbra situa-se na cota dos «140 a 150 metros». A parte alta do Distrito, nomeadamente os concelhos de Oliveira do Hospital e parte de Tábua, zona planáltica a que se dá o nome de Terra Chã da Beira, tem uma altitude média da cota dos «600 a 800 metros».

5 — «Pondere-se que as condições meteorológicas em Portugal Continental se encontram fundamentalmente influenciadas pela situação do país, na transição da zona dos anti-ciclones sub-tropicais para a zona das depressões sub-polares do hemisfério norte. Os tipos de tempo, tais como nesta região surgem, com variações no espaço e no tempo, são o produto da reacção de condições locais sobre a acção dos factores exteriores à região». Mercê da disposição do relevo, com a «linha de cumeadas — Estrela, S. Pedro de Agor, Lousã — que limita a bacia do Mondego a SE», da abertura da região ao sul e da ausência de grandes elevações junto à costa, conclui-se que o Oceano Atlântico é o grande regularizador climático do Distrito. A linha de cumeadas atrás referida «separa as regiões de tipo atlântico, mais setentrionais, das regiões de tipo mais ou menos mediterrânico, que demoram ao sul e só têm características absolutas no Algarve». Encontramos assim, para o Distrito, um clima atlântico mesclado de características continentais que se pode chamar ou classificar de sub-atlântico. Pela disposição do relevo, pela altitude, pelo revestimento vegetal, etc. condicionam-se algumas diferenças regionais, os micro-climas.

Regra geral, partindo do litoral para o interior, de Janeiro a Agosto a temperatura sobe de maneira suave e de Agosto a Dezembro ela desce, às vezes não muito suavemente. Em Coimbra é em Agosto que se registam as temperaturas mais elevadas e em Janeiro as mais baixas; a temperatura média anual é de 14,6 graus. Nos meses de Janeiro e Fevereiro, No-

vembro e Dezembro os ventos predominantes sopram do quadrante leste e bem desagradáveis são, por frios. De Março a Junho é de noroeste que sopra o vento, mas de Julho a Outubro são os do quadrante norte que predominam. Quer dizer: na estação fria predominam os ventos continentais ao passo que na estação quente são os ventos oceânicos que mais se fazem sentir. O vento de SE é o que mais frequentemente provoca chuvas. O mês de Novembro é, em Coimbra, o de maior índice pluviométrico. Segundo o número médio de dias de chuva as estações ordenar-se-iam, por ordem decrescente, assim: Primavera, Inverno, Outono e Verão; mas se as ordenássemos quanto à intensidade da chuva, a ordem seria outra: Inverno, Outono, Primavera e Verão. O mês de maior intensidade das chuvas é Novembro, como já se disse, assim como é o de maior pluviosidade média; mas o mês de maior número de dias de chuva é Março.

A neve não cai com muita intensidade e frequência no distrito de Coimbra; só a zona serrana (Oliveira do Hospital, Tábua, Arganil, Gois, Pampilhosa da Serra, Lousã) se alegra, ou sofre, com o espectáculo branco. Algumas cheias do Mondego devem-se ao degelo.

Quanto à quantidade de chuva caída, pode, no Distrito, considerar-se a existência de várias zonas: desde os «500 a 750 mm» até aos «2500 mm».

A maior parte inclue-se na zona com a pluviosidade média de «1000 a 1500 mm»; só Penacova e parte da Lousã têm um índice pluviométrico superior (1500 a 2000 mm); uma zona da Figueira da Foz, ao sul da Serra da Boa Viagem, tem um índice pluviométrico de 500 a 750 mm, o que muito se aproxima do limite das regiões secas. Pela consulta das tabelas dos coeficientes pluviométricos, verifica-se que são pluviosos os meses de Outubro a Abril e secos os de Maio a Setembro. Pela consulta do quadro dos índices de aridez conclui-se que, como se disse, há uma zona do concelho da Figueira da Foz que se encontra próximo dos limites das zonas secas e que a maior parte do Distrito se encontra numa zona que se pode considerar de transição.

6 — O estudo e a consequente classificação dos solos no que respeita às aptidões agrícolas ainda não está totalmente feito, ou se o está não tivemos dele conhecimento. Pelas informações que conseguimos, pode dizer-se, muito superficialmente, que no Distrito há solos dos mais variados

tipos e aptidões, desde os estéreis aos ubérrimos. Evidentemente que o conhecimento da S.A.U., de sequeiro e de regadio, das áreas plantadas de vinha, de olival, de pomares, das áreas improdutivo e social, permitir-nos-ia chegar a conclusões mais certas do que as que incluímos noutros locais deste trabalho; mas foi-nos impossível obter esses dados. Diremos pois, que desde as areias Pliocénicas que só à custa de muita matéria orgânica são produtivas, passando pelas zonas do Liássico dos concelhos de Penela, Condeixa-a-Nova e Coimbra que nada mesmo produzem até aos terrenos aluviosos do Mondego e doutros rios e que tão produtivos são, de tudo se encontra no Distrito.

7— Sobre a florestação podemos dizer que o Pinheiro Bravo é a espécie dominante no Distrito; de todos os distritos do País é o de Coimbra o que possui maior área coberta pelo Pinheiro Bravo.

Encontram-se algumas manchas de Pinheiro Manso (Montemor-o-Velho, Miranda do Corvo), de Carvalhos (Cantanhede, Penela, Condeixa-a-Nova, Soure), de Choupous (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz), de Eucaliptos (Penacova, Coimbra, Tábua, Figueira da Foz).

Há, evidentemente, o olival, que se encontra em todo o Distrito mas que é mais abundante nos concelhos de Soure, Condeixa-a-Nova, Coimbra, Lousã. Embora não pareça o local apropriado referimo-nos também aqui à vinha e às árvores de fruto. Nos concelhos de Cantanhede e Soure é onde existem as vinhas mais extensas e os pomares de grandes extensões não existem a não ser em Arganil, Oliveira do Hospital e Coimbra, mas o número de fruteiras existentes é muito elevado.

A área do Distrito coberta de pinhal em que o Pinheiro Bravo é a espécie dominante é de 42,8 % da superfície total; atingem ainda 4,2 % da área total os locais onde o Pinheiro Bravo vive com outras espécies florestais e é por elas dominado em número. Quer dizer: como área florestada pelo Pinheiro Bravo, perdoem-nos os especialistas a incorrecção, temos aproximadamente 47 % da superfície do Distrito.

Vamos dar no quadro n.º I, as áreas cobertas por pinhal em todos os distritos do País.

A distribuição do Pinheiro Bravo nos concelhos do Distrito, apesar de em todos eles haver extensas áreas de pinhal, não é uniforme e por

QUADRO N.º 1

Distritos	Superfície (ha)	% coberta por pinhal dominante	Área coberta por P. B. dominado (ha.) e percentagem
Aveiro	275 605	41,6	12 678 = 4,5 %
Beja	1 028 290	0,1	1 104 = 0,1 %
Braga	269 531	28,1	6 984 = 2,5 %
Bragança	659 979	1,5	7 673 = 1,1 %
Castelo Branco	662 664	19,9	17 937 = 2,7 %
Coimbra	387 157	42,8	16 860 = 4,2 %
Évora	738 783	0,4	15 015 = 2,0 %
Faro	499 123	0,9	4 129 = 0,8 %
Guarda	553 133	11,4	28 804 = 5,2 %
Leiria	351 208	37,0	9 616 = 2,7 %
Lisboa	275 491	7,8	6 208 = 2,2 %
Portalegre	608 352	1,1	7 862 = 1,2 %
Porto	234 143	40,6	7 240 = 3,0 %
Santarém	670 110	15,6	33 463 = 4,9 %
Setúbal	505 573	7,8	14 679 = 2,9 %
Viana do Castelo	222 222	23,1	4 712 = 2,1 %
Vila Real	430 829	14,6	17 356 = 4,0 %
Viseu	501 191	31,1	28 966 = 5,7 %

isso vamos inserir um quadro, o número 2, onde referiremos a percentagem das suas superfícies que se encontram revestidas por esta espécie forestal.

8 — Para as várias culturas arvenses são utilizadas aproximadamente e segundo as estatísticas que consultámos 34,2 % da superfície total; para olival e vinha, admitindo que muitos dos olivais são agricultados em culturas arvenses, e ainda segundo as estatísticas, admite-se que se utilizam 13 % da superfície total. Já vimos que mais ou menos 47 % estão revestidos de pinhal, pelo que para as áreas social e improdutivo restam 5,8 %.

Se quizéssemos ordenar os concelhos segundo a percentagem da sua área utilizada na cultura arvenses, por ordem decrescente, agrupá-los-íamos assim: Montemor-o-Velho, Soure, Mira, Cantanhede, Figueira da Foz, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Oliveira do Hospital, Penacova, Penela, Tábua, Lousã, Poiares, Miranda do Corvo, Arganil, Gois e Pampilhosa da Serra.

QUADRO N.º 2

Concelhos	Area total (ha.)	Pinhal dominante % da área total	Pinhal dominado (ha.) e % em relação à área total
Arganil	32 560	48,5	2 098 = 6,4 %
Cantanhede	39 600	50,7	232 = 0,5 %
Coimbra	31 644	31,3	924 = 2,9 %
Condeixa-a-Nova	13 424	29,8	265 = 1,9 %
Figueira da Foz	35 496	49,7	575 = 1,6 %
Gois	26 476	30,4	1 224 = 4,7 %
Lousã	12 812	50,8	343 = 2,6 %
Mira	12 204	61,8	122 = 1,0 %
Miranda do Corvo	12 728	54,0	429 = 3,3 %
Montemor-o-Velho	23 500	29,2	225 = 0,9 %
Oliveira do Hospital	23 292	46,2	865 = 3,7 %
Pampilhosa da Serra	39 512	41,1	4 442 = 11,2 %
Penacova	21 976	51,1	1 771 = 8,0 %
Penela	13 200	25,8	1 341 = 10,1 %
Poiães	10 044	54,4	762 = 7,5 %
Soure	26 184	32,2	588 = 2,2 %
Tábua	20 924	51,2	654 = 3,1 %

Esta ordenação não deixa de estar de acordo com as características populacionais das diferentes zonas.

9 — Segundo Alfred Sauvy... «o total da população não apresenta significado se não fôr referido a outros dados. Seria útil poder compará-la a um índice que traduzisse a capacidade do Território. Mas não se prestando essa capacidade facilmente à medida (nem mesmo à definição), os estatísticos limitam-se em geral em calcular a relação da população com a superfície, a chamada Densidade, noção cada vez mais imperfeita desde que se iniciou a exploração de recursos naturais não agrícolas». Nós, que nem estatísticos somos, vamos dizer que pelo Censo de 1960, a população presente no Distrito de Coimbra era de 433 656 o que dá a densidade de 110 Hab./Km².

A distribuição da população pelos concelhos do Distrito não é uniforme e por isso citamos a densidade populacional (Hab./Km²) em cada um deles.

Arganil = 59; Cantanhede = 104; Coimbra = 336; Condeixa-a-Nova = 100; Figueira da Foz = 162; Gois = 36; Lousã = 108; Mira = 109; Miranda do Corvo = 100; Montemor-o-Velho = 118; Oliveira do Hospital = 112; Pampilhosa da Serra = 33; Penacova = 84; Penela = 71; Poiares = 74; Soure = 101; Tábua = 80.

Diz Armindo Monteiro:... «um povo vale o que valem os seus homens, em quantidade e qualidade. À quantidade dava-se até há pouco um lugar quase exclusivo: alguém chegou a definir as questões internacionais como simples questões de número. Mas a moderna organização do trabalho veio demonstrar que pode o bom quilate dos homens atenuar a deficiência do seu quantitativo. Por isso de dia para dia cresce a importância das questões que à aptidão dos indivíduos se referem. ... Assim, os problemas económicos da população, se nunca poderão deixar de ser problemas de número, são desde já, em quinhão largo, problemas de aptidão». Não temos possibilidades de avaliar a população do Distrito em função das suas aptidões pois para isso escasseiam-nos os elementos e a competência. Mas porque «a análise da estrutura de um agrupamento populacional no que diz respeito às idades tem sempre grande importância» e ainda porque essa análise, superficial embora, nos é em parte possível, tentaremos realizá-la em alguns gráficos que incluímos.

«Num conjunto de indivíduos de diversas idades podem distinguir-se dois grupos:

- a) predominantemente produtores
(dos 15 aos 59 anos)
- b) predominantemente consumidores
(dos 0 aos 14 e de mais de 60 anos)».

Segundo G. Lefrou, os demógrafos ingleses consideram três tipos de população:

- a) Tipo progressivo
40 % de crianças e adolescentes e 60 % de adultos e velhos

b) Tipo estacionário

33 % de crianças e adolescentes e 67 % de adultos e velhos

c) Tipo regressivo

20 % de crianças e adolescentes e 80 % de adultos e velhos

Para R. Burdet o melhor processo de grãficamente se documentar a composição de um conjunto de indivíduos é a construção gráfica denominada Pirâmide. «Quanto mais uma pirâmide é triangular com base larga, mais a população é jovem; pelo contrário, quanto mais se orienta para uma forma cilíndrica ou para a pirâmide invertida, mais a população é idosa. O primeiro caso revela um país bastante jovem, de forte natalidade e em expansão demográfica; no segundo encontramos em face de um país que morre. As concavidades nos lados da pirâmide correspondem habitualmente a períodos de menor vitalidade ou a gerações de emigrantes, sobretudo no caso de existirem desequilíbrios entre os sexos na mesma classe horizontal. As proeminências, pelo contrário, correspondem habitualmente a períodos de maior natalidade ou a imigração». O que é válido para um país é-o igualmente para uma região, neste caso o distrito de Coimbra.

Antes, porém, de inserirmos as pirâmides (referentes aos anos de 1930, 1950 e 1960) vamos incluir dois quadros. No número 3 poderemos comparar a população do Distrito em vários anos. Note-se que não obstante a zona serrana ser muito extensa (quase 50 % da superfície total), a densidade populacional foi aqui sempre superior à verificada para o conjunto do país; verifica-se ainda que só no período de 1911 a 1920 não houve aumento populacional.

No quadro n.º 4 damos a população dos vários concelhos em vários anos. Podemos facilmente verificar que só cinco dos 17 concelhos do Distrito registaram aumentos populacionais de 1950 para 1960: Cantanhede, Coimbra, Figueira da Foz, Mira e Soure. Foram os concelhos serranos que sofreram maiores reduções de população, nomeadamente Gois e Pampilhosa da Serra, e a este fenómeno não é estranha a emigração, assim como não é estranha a «atração da Cidade» com o consequente abandono dos campos, o «exodo rural» que tão falado tem sido nos últimos tempos.

QUADRO N.º 3

Anos	População presente			N.º de mulheres por 1.000 homens	Densidade
	H	M	Total		
1864	126 751	142 143	268 894	1 121	68,8
1878	135 751	156 222	292 037	1 150	74,7
1890	147 995	168 629	315 624	1 139	81
1900	152 218	179 950	322 168	1 182	85
1911	162 900	196 487	359 387	1 206	92
1920	159 685	193 436	352 121	1 211	90,4
1930	177 897	209 911	387 808	1 180	98
1940	189 624	222 053	411 677	1 171	104
1950	200 000	232 044	432 044	1 160	108
1960	201 647	232 009	433 656	1 150	110

Note-se que a partir de 1920 o número de mulheres por mil homens tem vindo a diminuir.

QUADRO N.º 4

Concelhos	População presente									
	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960
Arganil	18 806	20 662	21 449	21 232	22 004	21 417	18 343	22 002	21 736	19 237
Cantanhede .	22 544	26 443	28 216	27 796	30 026	30 005	33 696	36 094	39 965	41 303
Coimbra	40 681	45 075	51 996	54 105	62 872	62 870	76 494	85 702	98 027	106 404
Condeixa ...	10 008	11 431	11 903	11 876	13 037	12 583	12 149	13 591	14 020	13 555
Figueira	32 953	35 071	39 857	43 032	48 044	44 715	49 590	52 742	56 862	57 631
Gois	10 305	11 245	10 895	11 891	12 974	12 616	12 230	12 488	11 103	9 744
Lousã	9 535	10 415	10 868	11.685	12 622	11 944	12 905	14 525	15 442	13 900
Mira	6 012	6 554	7 400	8 075	8 726	9 158	9 671	11 571	13 099	13 384
Miranda	10 453	11 471	12 649	12 751	14 206	13 455	12 608	13 558	13 822	12 810
Montemor ...	19 799	21 405	22 042	22 361	24 410	23 864	25 162	27 912	27 978	27 925
Oliveira	24 137	25 482	26 741	27 324	27 869	26 992	26 030	28 421	29 038	26 287
Pampilhosa .	9 359	10 671	11 274	12 426	13 944	14 040	13 459	15 527	14 800	13 372
Penacova ...	14 966	16 755	17 825	18 253	18 094	17 645	16 964	19 340	19 926	18 704
Penela	9 118	9 998	10 180	9 954	12 305	11 197	10 764	11 088	10 625	9 438
Poiães	6 557	7 534	7 501	7 900	8 226	8 343	7 763	8 398	8 218	7 518
Soure	17 641	18 801	18 616	20 233	22 570	22 103	22 941	25 108	26 176	26 575
Tábua	17 207	18 489	18 783	18 371	18 169	17 954	16 530	17 678	17 798	16 868

1930

Idades em Anos

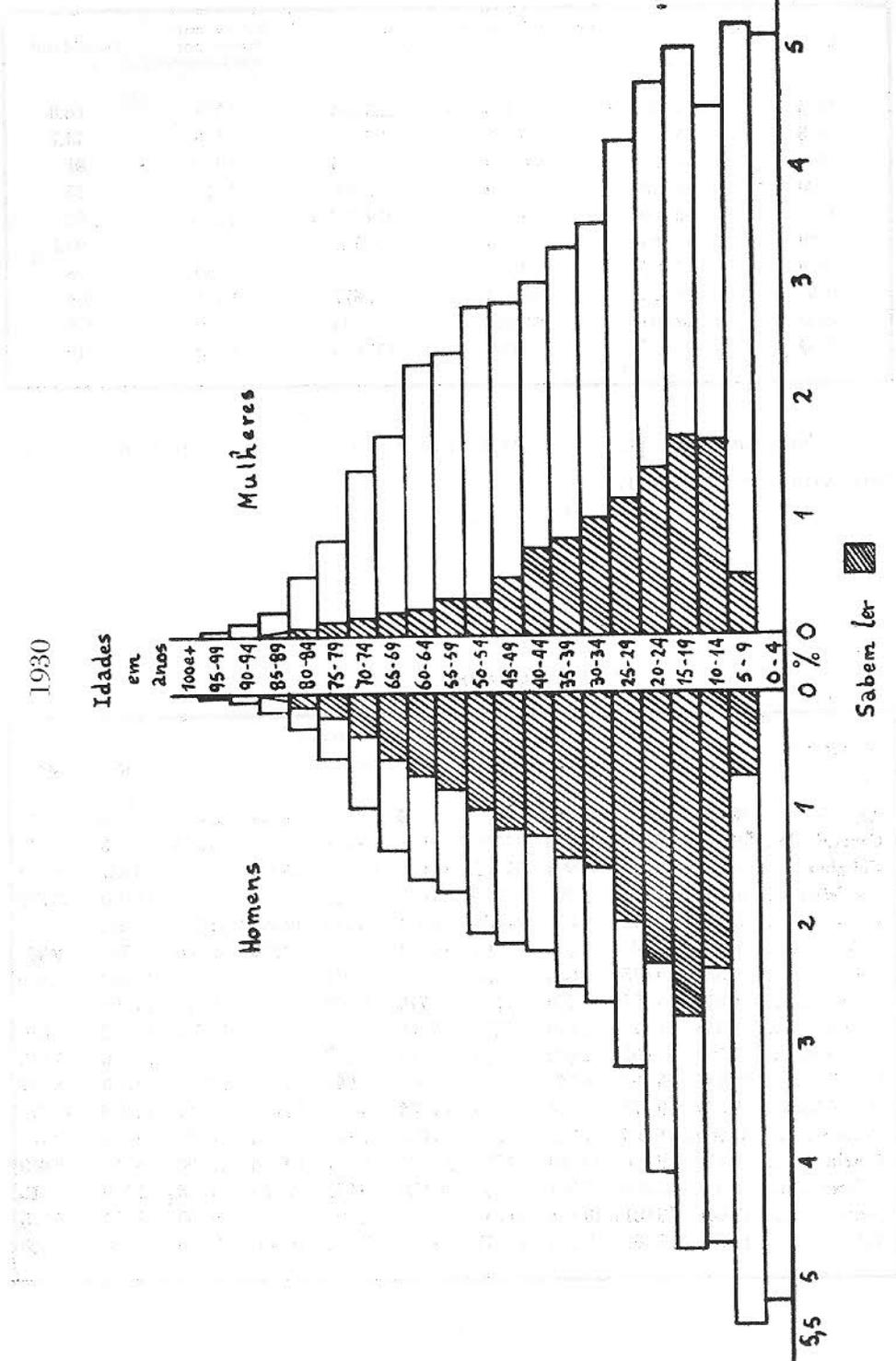
100e+
95-99
90-94
85-89
80-84
75-79
70-74
65-69
60-64
55-59
50-54
45-49
40-44
35-39
30-34
25-29
20-24
15-19
10-14
5-9
0-4

Mulheres

Homens

5,5 5 4 3 2 1 0 % 1 2 3 4 5 5,5

Sabem ler

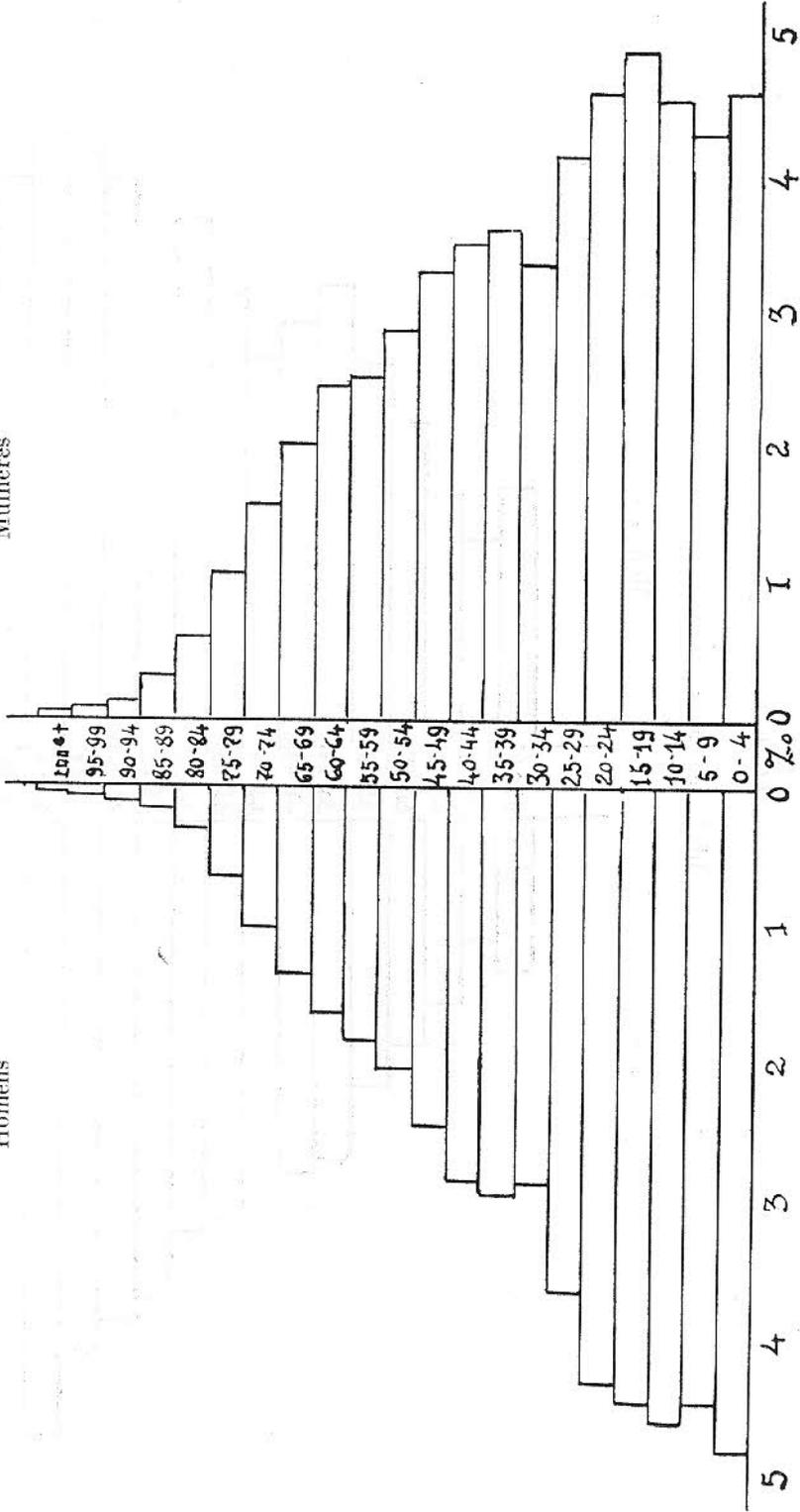


1950

Idades em anos

Homens

Mulheres

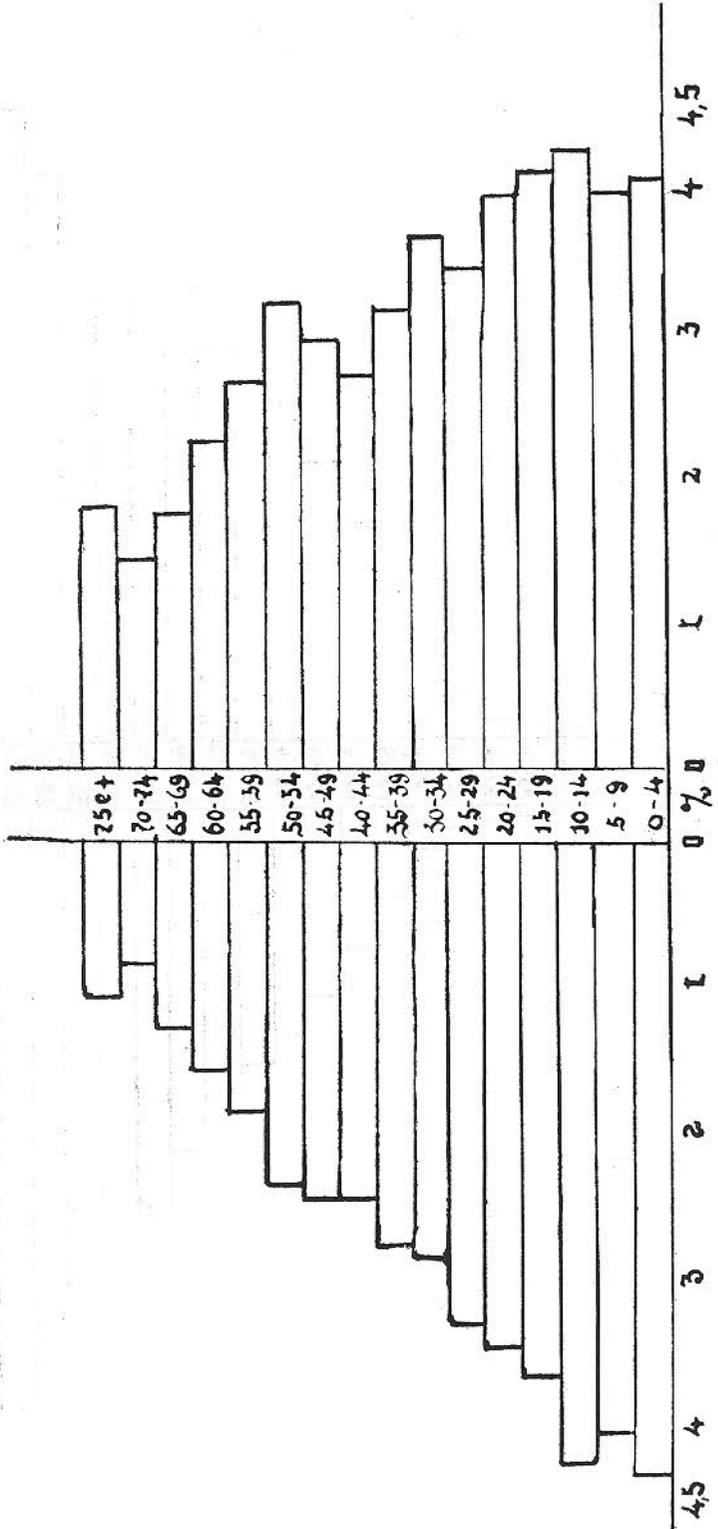


1960

Idades em anos

Homens

Mulheres



Nas pirâmides que apresentamos pode facilmente verificar-se que se trata duma população relativamente jovem, com mais mulheres que homens; a redução do número de homens em certas idades deve-se certamente à emigração. Também em todos se nota a reentrância que corresponde aos indivíduos nascidos no ano da «gripe pneumónica», epidemia que vitimou milhares de pessoas e que ocorreu em 1917-18. Se, para alguns concelhos, como por exemplo Gois, Pampilhosa da Serra, Penela, Poiares, construíssemos algumas pirâmides verificaríamos que neles a população é mais «velha» do que a do Distrito, pois os homens válidos têm saído em grande número para outros locais.

Segundo G. Lefrou, vejamos para os anos de 1930, 1940, 1950 e 1960 como se classificaria a população:

1930 = 39 % de crianças e adolescentes e 61 % de adultos e velhos.

Tipo progressivo a caminhar para o estacionário.

1940 = 38% de crianças e adolescentes e 62 % de adultos e velhos.

Tipo progressivo mas com a tendência para estacionário mais acentuada.

1950 = 35 % de crianças e adolescentes e 65 % de adultos e velhos.

Tipo progressivo mas quase estacionário.

1960 = 34 % de crianças e adolescentes e 66 % de adultos e velhos.

Tipo progressivo nos limites do estacionário.

Alguns dos concelhos do Distrito atingiram já, francamente, o tipo estacionário, como os de Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Gois, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penela, Soure e Tábua.

Os de Condeixa-a-Nova e Penela estão já a aproximar-se do tipo regressivo. Os concelhos de Cantanhede, Mira, Oliveira do Hospital e Penacova são os de população mais jovem e dentre eles destaca-se o de Mira.

Os de Arganil, Lousã, Pampilhosa da Serra, Poiares, Soure e Tábua aproximam-se do tipo estacionário.

O exame do quadro número três mostra-nos que o aumento da população só não se verificou no período de 1911 a 1920 e que foi bastante reduzido de 1950 para 1960; para o primeiro dos períodos referidos correu a chamada «gripe pneumónica» a que já fizemos referência e a

emigração (a taxa de emigração em 1920 e em relação ao saldo fisiológico do país foi de 124,8 %); para o segundo período que referimos só a emigração se pode responsabilizar. Com efeito, os emigrantes do Distrito totalizam alguns milhares anualmente; o Brasil, a Venezuela, o Congo ex-Belga, Angola e modernamente a França, Alemanha Ocidental e o Canadá são o destino da maioria dos que emigram. Lisboa também seduz algumas dezenas de serranos anualmente e são os naturais de Gois, Pampilhosa da Serra, Arganil e Tábua os que mais cedem aos encantos da Capital.

As migrações, para o Alentejo e o Ribatejo principalmente, ainda se verificam. Os naturais de Mira preferem o Ribatejo, os de Penela vão principalmente para o Alentejo.

Dentro do Distrito existem ainda hoje, se bem que atenuados, alguns movimentos da população: para os campos do Mondego deslocam-se algumas centenas de pessoas, principalmente mulheres, nas épocas da plantação e da colheita do arroz.

Da população presente no Distrito só uma parte trabalha, isto é, é «activa». Segundo alguns Recenseamentos, podemos ver no quadro número 5 a população activa.

QUADRO N.º 5

Anos	População presente	População activa	% de «Activos»
1930	387 808	223 964	57,7
1940	411 677	286 258	69,5
1950	432 044	155 009	35,8
1960	433 656	152 747	35,2

Nos censos populacionais de 1930 e 1940 as «donas de casa» foram consideradas «activas» o que não se verificou nos de 1950 e de 1960 (em 1960, só «donas de casa agrícola» registaram-se 37 168).

A média de «activos» que se cita para o Distrito (35,2) não se afasta muito dos limites encontrados para os concelhos: o máximo de 37 % para Coimbra e Condeixa-a-Nova e o mínimo de 30 % para Arganil e Pampi-

lhosa da Serra. Fazemos notar que também para os concelhos não se incluíram as «donas de casa» nos «activos».

Dada a índole deste trabalho, a parte da população que principalmente nos interessa é a que se dedica à agricultura e pecuária. Vamos referir, no quadro n.º 6, os números correspondentes à população que, segundo os vários recenseamentos, exercia a sua actividade na agricultura e pecuária. Note-se que nos censos de 1950 e de 1960 se excluíram as «donas de casa agrícola» apesar de elas, em 99,9 % dos casos, se dedicarem aos trabalhos agrícolas.

QUADRO N.º 6

Anos	População activa	População activa na agricultura e pecuária	% da pop. na agr. e pec. em relação à população activa	% da população na agr. e pec. em relação à pop. presente
1864	160 800	152 760	95	54
1930	223 964	116 716	52	30
1940	286 258	86 838	30	21
1950	155 009	86 915	56	20
1960	152 747	79 269	51	18

Os números referentes ao ano de 1864, pela maneira como os obtivemos, não nos merecem confiança. A, digamos, anomalia que se verifica em 1940 resulta somente do facto de as «donas de casa» serem consideradas na população activa não o sendo, contudo, na população activa agrícola. Em 1950 e 1960 as donas de casa não foram consideradas. A tendência geral, que mais se tem acentuado nos últimos anos, é para a diminuição daqueles que se dedicam à agricultura e pecuária. Em 1960, a percentagem da população agrícola em relação à população activa nos vários concelhos era o seguinte: Arganil 60 %, Cantanhede 67 %, Coimbra 19 %, Condeixa-a-Nova 68 %, Figueira da Foz 47 %, Gois 71 %, Lousã 45 %, Mira 72 %, Miranda do Corvo 77 %, Montemor-o-Velho 70 %, Oliveira do Hospital 55 %, Pampilhosa da Serra 74 %, Penacova 72 %, Penela 80 %, Poiães 62 %, Soure 68 %, e Tábua 67 %. Para o mesmo ano, a percentagem da população agrícola em relação à população presente era, nos diferentes concelhos: Arganil 18 %, Cantanhede 25 %, Coimbra 7 %, Condeixa-a-Nova 25 %, Figueira da Foz 17 %, Gois 22 %, Lousã 16 %,

Mira 23 %, Miranda do Corvo 28 %, Montemor-o-Velho 25 %, Oliveira do Hospital 19 %, Pampilhosa da Serra 22 %, Penacova 22 %, Penela 28 %, Poiares 20 %, Soure 23 % e Tábua 22 %. É fácil distinguir, por estes valores, os concelhos onde se situam os grandes centros urbanos e onde já se verifica a existência de actividades não agrícolas.

Nos números que no quadro n.º 6 representam a população activa que se dedica à agricultura e pecuária estão compreendidos indivíduos dos dois sexos; no quadro a seguir, o n.º 7, vamos dar, em separado, o número de homens e o de mulheres por nos parecer de interesse. Note-se que no ano de 1960 não estão incluídas as donas de casa agrícola que totalizam 37 168 e que, de facto, trabalham na agricultura.

QUADRO N.º 7

Anos	População activa na agricultura e pecuária			% de homens
	H	M	Total	
1930	66 889	49 827	116 716	58
1940	73 356	13 481	86 838	83
1950	74 141	12 774	86 915	85
1960	75 269	4 000	79 269	95

A conclusão que se tiraria do exame do quadro acima, de que o número de homens na agricultura e pecuária é muitíssimo superior ao número de mulheres, era errada; há concelhos, por exemplo Mira, Cantanhede, Figueira da Foz, onde o número de mulheres que trabalham no campo é superior ao dos homens.

As idades dos indivíduos que em 1940 trabalhavam na agricultura e pecuária variava entre os 10 e os 100 anos; vamos referir o número e a idade desses indivíduos no quadro n.º 8. Pena é que não nos seja possível referir os mesmos dados para o ano de 1960 pois certamente se veria o «envelhecimento» dessa parte da população.

Apresentamos também uma pirâmide pelo exame da qual nos podemos aperceber do «envelhecimento» da população agrícola; na realidade, é essa a tendência, visto os novos procurarem outras actividades que lhes proporcionam melhores proventos. Como consequência da fuga dos novos às actividades agrícolas aumenta o número das mulheres que são obrigadas



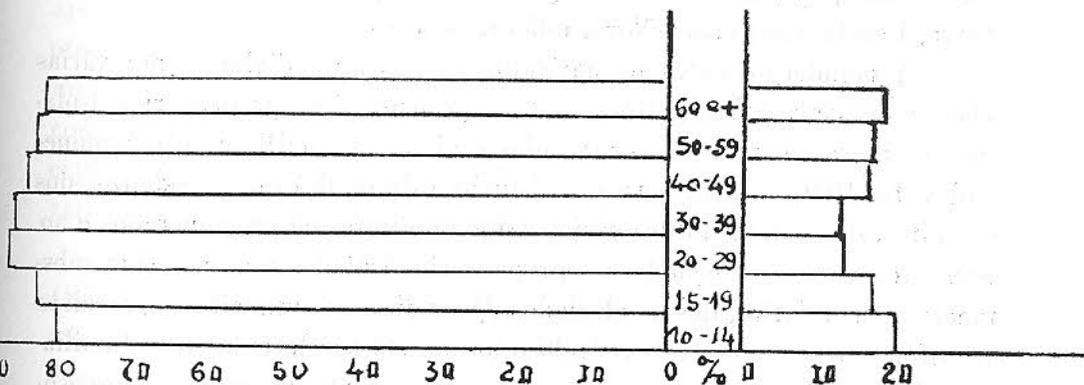
1940

Idade da população activa agrícola

Idades em anos

Homens

Mulheres



QUADRO N.º 8

População activa na agricultura e pecuária				% de homens
Idades (anos)	H e M	H	M	
10 — 14	4 192	3 363	830	80,2
15 — 19	10 601	8 850	1 751	83,5
20 — 29	17,679	15 433	2 245	87,3
30 — 39	14 221	12 372	1 849	86,9
40 — 49	11 801	9 901	1 900	83,9
50 — 59	11 727	9 733	1 994	82,9
60 e +	16 617	13 705	2 912	82,4

a dedicarem-se a essas tarefas para que os campos não fiquem por cultivar (o que, mesmo assim, já se vai verificando).

Em alguns concelhos do Distrito é mais acentuado o «envelhecimento» das populações rurais do que é o do conjunto; Gois, Pampilhosa da Serra, Penela, Condeixa-a-Nova, estão neste caso.

A população activa na agricultura e pecuária divide-se por várias classes de actividade: patrões, patrões-proprietários, proprietários isolados, rendeiros, parceiros, assalariados e ainda os familiares não remunerados. De 1940 para cá vem-se assistindo à diminuição dos rendeiros, dos parceiros, dos patrões-proprietários e dos familiares não remunerados e ao aumento pouco pronunciado dos proprietários isolados e ao aumento substancial, mas relativo, dos assalariados. Quer dizer: os rendeiros e parceiros transformam-se, se nos é permitido o termo, em assalariados e os familiares não remunerados emigram, o que traz o aumento dos proprietários isolados.

A actividade da população na agricultura e pecuária exerce-se em numerosos prédios rústicos, aproximadamente um milhão: é claro que neste número estão incluídas as parcelas de pinhal.

O número de explorações agrícolas é de 75 665 e as áreas das propriedades variam entre «até 0,25 ha» e «500 ha» (de 500 ha só há uma propriedade e situa-se no concelho da Figueira da Foz), sendo as mais representadas as que variam entre «até 0,25 ha» — «1 ha» — «3 ha».

A exploração agrícola processa-se em variados regimes, mas predomina a exploração por conta-própria; podem ainda citar-se, como regimes

existentes, a renda, a parceria, a conta-própria e parceria, a renda e parceria.

A actividade predominante das explorações é a agricultura, pois somente se indicam 1274 explorações predominantemente pecuárias e 208 com predominância florestal. Esclarecemos que nas explorações referidas como predominantemente pecuárias se incluem aquelas cujo empresário outra coisa não possui além dum rebanho de ovinos ou de caprinos.

Por alguns números que atrás indicamos pode avaliar-se da divisão da propriedade e não é difícil concluir que muitas das explorações estão abaixo duma exploração economicamente viável. «Do ponto de vista do ordenamento cultural, os esquemas defeituosos nascem muitas vezes de deficiências de orgânica, logo estruturais. Quando, na pequena exploração, o empresário agrícola não estabelece afolhamentos é porque o espaço disponível lho não permite; e também quando recorre ao aproveitamento agrícola de solos florestais, ou à implantação de vinha em solos menos apropriados, é a falta de terra, é a necessidade de orientar a empresa, predominantemente, para o auto-consumo, é a pressão do interesse económico privado, em suma, que o obrigam ao desacerto técnico da decisão, com repercussões nefastas sobre a economia nacional». São poucas as explorações que no Distrito permitem uma mecanização racional e só cooperativamente alguma coisa se poderia realizar neste capítulo.

Sobre as culturas realizadas pode dizer-se que elas são o trigo (Soure, Condeixa-a-Nova, Cantanhede, Penela), a cevada, a aveia, o centeio (Gois, Poiares, Pampilhosa da Serra), o arroz (Montemor-o-Velho, Figueira da Foz, Soure, Coimbra, Condeixa-a-Nova), a fava, o grão de bico, o feijão, a batata e o milho. Em Mira, na região da Videira e da Barra, a cultura da couve é apreciável e em Cantanhede (Vilamar e Corticeiro) a nabiça ocupa um papel importante. A cultura do milho é a que predomina, seguida da da batata.

A área que no Distrito se destina às culturas arvenses, tendo em conta que em alguns terrenos se fazem duas culturas anuais e às vezes duas culturas associadas, é de 135 224 ha o que representa 34,2 % da superfície total. A área regada é considerável (por levadas, poços, por infiltração, por aspersão), mas não nos é possível dar um número para os hectares de regadio.

10 — Sobre a alfabetização das gentes do Distrito gostaríamos de tecer longas considerações mas, contrariando os nossos desejos, a impossibilidade de conseguir os dados que nos permitissem essas considerações leva-nos a citar somente alguns números que podemos ver no quadro n.º 9.

QUADRO N.º 9

Anos	População presente	Sabem ler			% em relação à pop. presente		
		H	M	Total	H	M	Total
1930	387 808	75 852	41 099	116 951	19,6	10,5	30,1
1940	411 677	101 983	65 240	167 223	24,8	15,8	40,6
1950	432 044	126 449	94 310	220 759	29,3	21,8	51,1
1960	433 656						

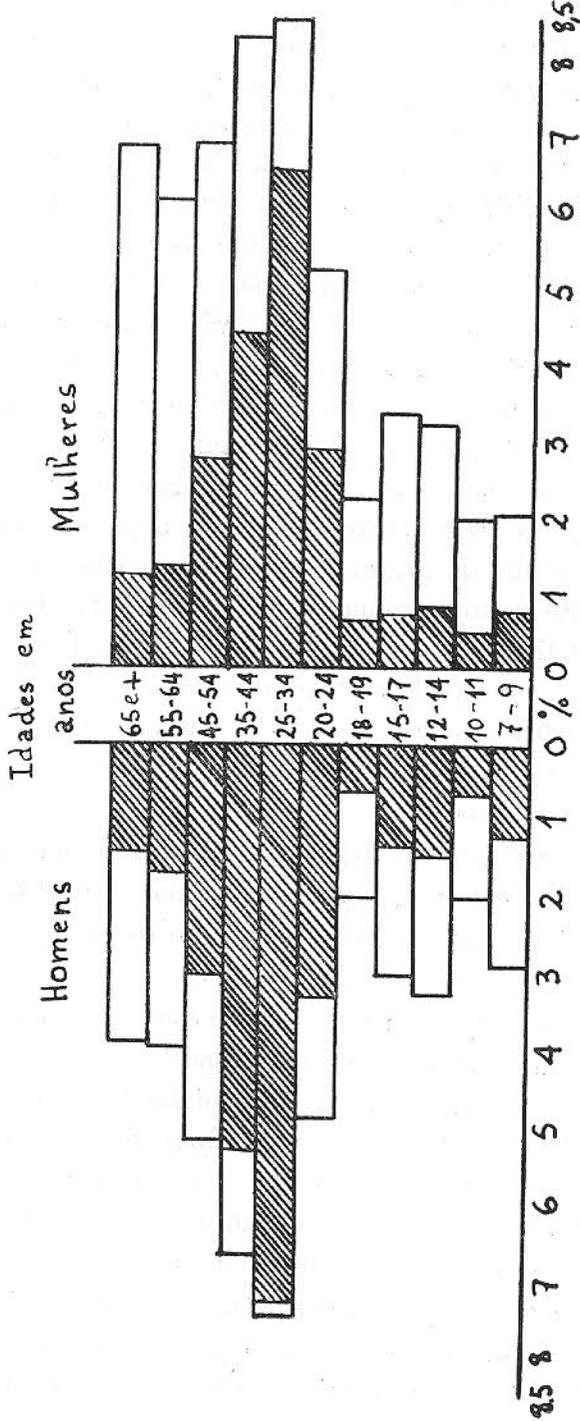
Vem crescendo em muito bom ritmo o número de indivíduos a saber ler e devemos notar que na população presente estão compreendidas as crianças que ainda não estão na idade escolar. Tomados os diferentes concelhos isoladamente as coisas passam-se sensivelmente do mesmo modo, isto é, não há grandes diferenças. No quadro n.º 9 damos as percentagens de homens e de mulheres que sabem ler, mas em relação à população presente; no quadro n.º 10 vamos dar as percentagens de homens e de mulheres que sabem ler, mas em relação ao seu quantitativo tomado isoladamente. Como se verá, é ainda considerável a diferença das percentagens referidas, mas parece esboçar-se aquilo a que, em linguagem desportiva moderna, se poderá chamar uma recuperação do sexo fraco.

QUADRO N.º 10

Anos	População presente		Sabem ler			
	H	M	H	M	% de H	% de M
1930	177 897	209 911	75 852	41.099	42,6	19,5
1940	189 624	222 053	101 893	65.240	53,7	29,3
1950	200 000	232 044	126 449	94.310	63,2	40,6
1960	201 647	232 009				

1950

Os que sabem ler



Os números referentes a 1960 não os conseguimos obter; cremos, no entanto, que os analfabetos são já, felizmente, em pequeno número.

Se, para a parte da população que trabalha na agricultura e pecuária, nos fosse possível obter as percentagens dos que sabem ler, certamente encontraríamos menores valores do que os registados no quadro n.º 10, pois é bem sabido que é no meio rural que há mais analfabetos. Sobre habilitações especializadas entre os que trabalham na agricultura e pecuária alguma coisa existe, mas muito pouco. A Escola de Regentes Agrícolas forma por ano alguns técnicos que vão, regra geral e infelizmente, exercer as suas actividades para outras regiões; a Junta Nacional dos Produtos Pecuários organiza anualmente cursos de tosquiadores; a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, por intermédio da Região de Coimbra, encarta por ano alguns podadores; a Escola de Semide manda para a vida alguns rapazes que aprenderam os rudimentos da técnica agrícola; a Escola de Educadoras Rurais prepara algumas raparigas para a difícil tarefa de orientadoras de futuras donas de casa agrícola; os Centros de Ajuda Rural, feliz iniciativa do Senhor Governador Civil, Eng.º Horácio de Moura, ministram às donas de casa de algumas freguesias e lugares alguns ensinamentos de economia doméstica, puericultura e higiene alimentar; a Cooperativa Agro-Pecuária de Oliveira do Hospital já levou a efeito cursos de tractoristas.

Existem algumas explorações orientadas ou dirigidas por técnicos, mas infelizmente são poucas; conhecemos 3 em Coimbra, 2 na Figueira da Foz, 2 em Arganil, 2 em Oliveira do Hospital.

11 — No que respeita a vias de comunicação, ao seu número, note-se, o distrito de Coimbra está razoavelmente servido, assim como o está de meios de transporte. As linhas de caminho de ferro que passam, servindo-o, no Distrito são: a linha do Norte, a linha do Oeste, a linha da Beira Alta, o ramal da Figueira da Foz e o ramal da Lousã. Os concelhos servidos por caminho de ferro são: Cantanhede, Coimbra, Figueira da Foz, Lousã, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho e Soure.

As estradas que cortam o Distrito compreendem as estradas nacionais, as estradas municipais, as estradas florestais e os caminhos municipais. As estradas nacionais existentes são de quatro categorias: Princi-

pais — a n.º 1, que fazendo a ligação Lisboa-Porto corta o Distrito no sentido S-N e serve Condeixa-a-Nova e Coimbra; a n.º 2, que igualmente corta o Distrito no sentido N-S, mas mais a leste do que a n.º 1 e que serve Penacova (pequeno desvio), Poiares e se interrompe em Alvares; as de 1.ª classe — a n.º 17, a chamada Estrada da Beira, corta o Distrito, partindo de Coimbra, no sentido SW-NE, corta a n.º 2 perto de Poiares, serve, com pequenos desvios, Oliveira do Hospital e Tábua, e dirige-se para a fronteira depois de passar pela Guarda; a n.º 109, que faz a ligação Leiria-Aveiro relativamente perto da Costa e que serve Figueira da Foz, Tocha e Mira; a n.º 110, que vinda de Tomar entronca com a n.º 1 em Condeixa-a-Nova e serve Penela; a n.º 111, que liga Coimbra a Figueira da Foz e que serve Montemor-o-Velho; a n.º 112, que na Portela do Vento entronca com a n.º 2 e serve Pampilhosa da Serra, seguindo para Castelo Branco; as de 2.ª classe são em número de quatro e servem, além de outras povoações, Cantanhede, Mira, Soure, Miranda do Corvo, Arganil, Penacova, Lousã, etc.; as de 3.ª classe são em número de 13 a cruzam o Distrito em todos os sentidos. O total de quilómetros de Estradas Nacionais no Distrito é de:

Estradas principais	=	112,067 Km
» de 1.ª classe	=	269,420 Km
» de 2.ª »	=	115,952 Km
» de 3.ª »	=	371,678 Km
Ramais	=	147,270 Km
<hr/>		
TOTAL	=	1 016,387 Km

As estradas e caminhos municipais são numerosos; não tanto, certamente, como seria de desejar, mas totalizam uma largas centenas de quilómetros. As estradas e caminhos florestais, principalmente nos concelhos de Mira, Figueira da Foz, Lousã, Gois, Pampilhosa da Serra e Arganil, adquirem uma importância extraordinária, principalmente nas zonas serranas, pelo grande número de lugares que servem, lugares até há pouco sem uma estrada que os ligasse ao mundo.

No Distrito existe um porto de mar, o da Figueira da Foz, na foz do rio Mondego. Presentemente em obras, deve depois delas concluídas, per-

mitir a entrada de barcos de grande calado; agora, é principalmente um porto de pesca.

Como zonas piscatórias de reduzida importância citaremos a praia de Mira, a praia da Tocha e a praia de Leirosa.

Há no Distrito três campos de aviação: um a sete ou oito quilómetros da cidade de Coimbra, outro junto da Figueira da Foz e o outro a cinco quilómetros da Lousã. Mal ou nulamente apetrechados, somente podem ser utilizados por pequenos aviões de turismo. No de Coimbra funciona uma escola de pilotagem, o mesmo acontecendo no da Figueira da Foz durante o verão.

12 — Os transportes públicos, excluídos os transportes municipalizados de Coimbra, os combóios e os carros de aluguer (já muitas são as freguesias e lugares que possuem carros de aluguer), são feitos em carreiras de camionetas que regularmente percorrem todo o Distrito em todos os sentidos. O número de carreiras diárias atinge uma centena; umas são de longo curso, outras limitam-se a pequenos trajectos. Todas as sedes de concelho estão ligadas a Coimbra com, pelo menos, uma carreira diária e de todas as sedes de concelho saem carreiras para as principais freguesias. Coimbra está ligada a Lisboa, Porto, Viseu, Castelo Branco, Tomar, Leiria, Guarda, etc., por carreiras diárias.

13 — A energia eléctrica produzida no Distrito, com exclusão de algumas centrais térmicas cuja energia produzida se destina ao consumo da própria empresa que a produz, é principalmente de origem hídrica. No concelho de Pampilhosa da Serra localiza-se a Barragem de Santa Luzia; situa-se a 13 quilómetros da sede do concelho, numa garganta de quartzitos onde, apertado, corre o rio Unhais. O lago formado tem seis quilómetros de comprimento e um quilómetro de largura; a altura máxima do paredão é de 75 metros e a geradora pode produzir entre 25 a 30 milhões de kWh.

No concelho de Arganil existe uma central hidro-eléctrica que utiliza as águas do Alva.

A electrificação do Distrito está longe de estar concluída. No entanto, todas as sedes de concelho estão electrificadas e muitas são já as freguesias e lugares que desfrutam de tão inestimável benefício. É justo salientar o esforço de algumas Câmaras no sentido da total electrificação dos concelhos, como sejam Coimbra, Cantanhede, Figueira da Foz, Mira, Arganil, Montemor-o-Velho, Oliveira do Hospital e Tábua.

O abastecimento de água às povoações do Distrito poderá considerar-se, quando muito, em início. Se quase todas as sedes de concelho dispõem de água canalizada com distribuição domiciliária, na grande maioria dos lugares o panorama é bem diferente: ainda existem as fontes de chafurdo e algumas povoações têm que ir buscar a água de que necessitam a locais bastante afastados. Neste capítulo de abastecimento de água é justo destacar o concelho de Arganil com uma obra valiosa. Também as «Ligas de Melhoramentos» que quase todos os lugares e freguesias da zona possuem, têm um papel relevante, pois concorrem com elevadas verbas para as obras que nos lugares e freguesias as Câmaras realizam.

O problema dos esgotos é outro problema ainda não resolvido, ou, melhor diríamos, outro problema só levemente abordado. Não são muitas as sedes de concelho que possuem uma adequada rede de esgotos e as freguesias que a possuem contam-se pelos dedos duma só mão.

14 — Vamos entrar agora num assunto a que poderíamos chamar o capítulo **«pecuário»**. Sem que pretendamos explicar a pobreza do que escrevemos até aqui, diremos que é o assunto «pecuário» que nos vai reter mais tempo, por ele ser nosso melhor conhecido...

Já vimos noutra local que são muito numerosas as explorações agrícolas e também já vimos que a área dos prédios rústicos oscila entre «até 0,25 ha» e os «500 ha», mas que as dimensões mais comuns são as que variam de «até 0,25 ha» a «3 ha»; quer dizer: propriedade muito fragmentada com alguns casos a fugir à regra, como para justificá-la. Numa zona com tais características é de esperar que os gados existentes estejam divididos por numerosos proprietários, o que se verifica na realidade.

Para as várias espécies e para o ano de 1955 vamos ver no quadro n.º 11 a distribuição por possuidores.

QUADRO N.º 11

Gados	Número de manifestantes segundo o número de animais manifestados												
	1 animal	2	3 a 5	6 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 a 99	100 a 200	+ de 200
Cavalar	1 045	113	31	17	15	4	—	—	—	1	—	—	—
Muar	803	89	9	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Asnal	8 233	488	40	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Bovino	11 822	11 992	3 795	118	14	6	5	1	2	2	—	1	—
Ovino	5 038	6 659	9 060	3 378	1 163	380	337	123	77	62	67	17	2
Caprino	13 512	4 945	3 474	1 067	404	195	182	65	29	17	5	2	—
Suíno	31 508	14 205	4 466	914	405	59	23	5	4	1	—	1	—

Pelo exame deste quadro já se aprecia a dispersão dos efectivos e devemos dizer que por todo o Distrito se verifica esta dispersão. É claro que há concelhos onde há uma maior concentração dos animais duma determinada espécie, mas essa concentração maior não deixa de ser uma dispersão. Por exemplo: no concelho de Mira não há rebanhos de ovinos, que existem em Oliveira do Hospital, donde resulta uma maior concentração dos ovinos neste último concelho. Outro exemplo: no concelho de Montemor-o-Velho há algumas manadas de equinos, manadas que não existem no concelho de Gois, donde uma maior concentração dos equinos no primeiro concelho.

No quadro que apresentamos a seguir, o n.º 12, podemos ver, também para 1955, a relação entre o número de manifestantes e o número de cabeças naturais das várias espécies.

QUADRO N.º 12

Gados	Número de cabeças naturais	Número de manifestantes
Cavalar	1.804	1.226
Muar	1.022	902
Asnal	9.338	8.761
Bovino	50.153	27.758
Ovino	120.799	26.303
Caprino	60.268	23.897
Suíno	88.276	51.591

Assim, para as várias espécies, temos:

Equina	=	1,47	animais	por	manifestante
Muar	=	1,13	»	»	»
Asinina	=	1,06	»	»	»
Bovina	=	1,80	»	»	»
Ovina	=	4,59	»	»	»
Caprina	=	2,60	»	»	»
Suína	=	1,71	»	»	»

Segundo o «Inquérito às explorações agrícolas do Continente — 1953» realizado pelo I.N.E., as explorações que possuíam animais eram:

Com cavalos	=	1 643
» muares	=	900
» asininos	=	7 741
» bovinos	=	29 912
» ovinos	=	24 143
» caprinos	=	22 836
» suínos	=	53 672

Por estes dados, as percentagens de explorações que possuíam os animais das várias espécies, eram as seguintes:

Com equinos	=	2,17 %	das	explorações
» muares	=	1,19 %	»	»
» asininos	=	10,23 %	»	»
» bovinos	=	39,53 %	»	»
» ovinos	=	31,90 %	»	»
» caprinos	=	30,18 %	»	»
» suínos	=	70,93 %	»	»

Não nos é possível dizer exactamente qual o número de explorações que possuem mais que uma espécie animal, nem quais as espécies possuídas, mas pelo que conhecemos da região diremos que, em regra:

- a) As explorações que possuem gado cavalari, muar ou asnal, as mais das vezes não possuem gado bovino.
- b) As que possuem gado ovino possuem sistematicamente gado caprino.
- c) As que possuem gado suíno dispõem quase sempre de animais ou animal doutra espécie.
- d) Se exceptuarmos o gado ovino, o gado caprino e, em menor escala, o gado suíno, poucas são as explorações que possuem mais que duas cabeças.
- e) Para o gado bovino de trabalho não vão além de três as explorações que possuem mais que uma dezena de animais.
- f) Para o gado bovino leiteiro não ultrapassa uma dezena o número de explorações com mais que uma dúzia de cabeças.
- g) Para o gado suíno, são em número de 15 a 20 as explorações com mais de 25 animais adultos.
- h) O gado asinino está muito disperso pelos possuidores, isto é, poucos são os que possuem mais que um animal.

Podemos por fim acrescentar que, com muita aproximação, 99 % das explorações possuem animais, embora em pequeno número.

Depois de vermos a relação dos animais com as explorações e com os possuidores, vamos observar agora, no quadro n.º 13, o número de animais das várias espécies existentes no Distrito segundo os vários arrolamentos.

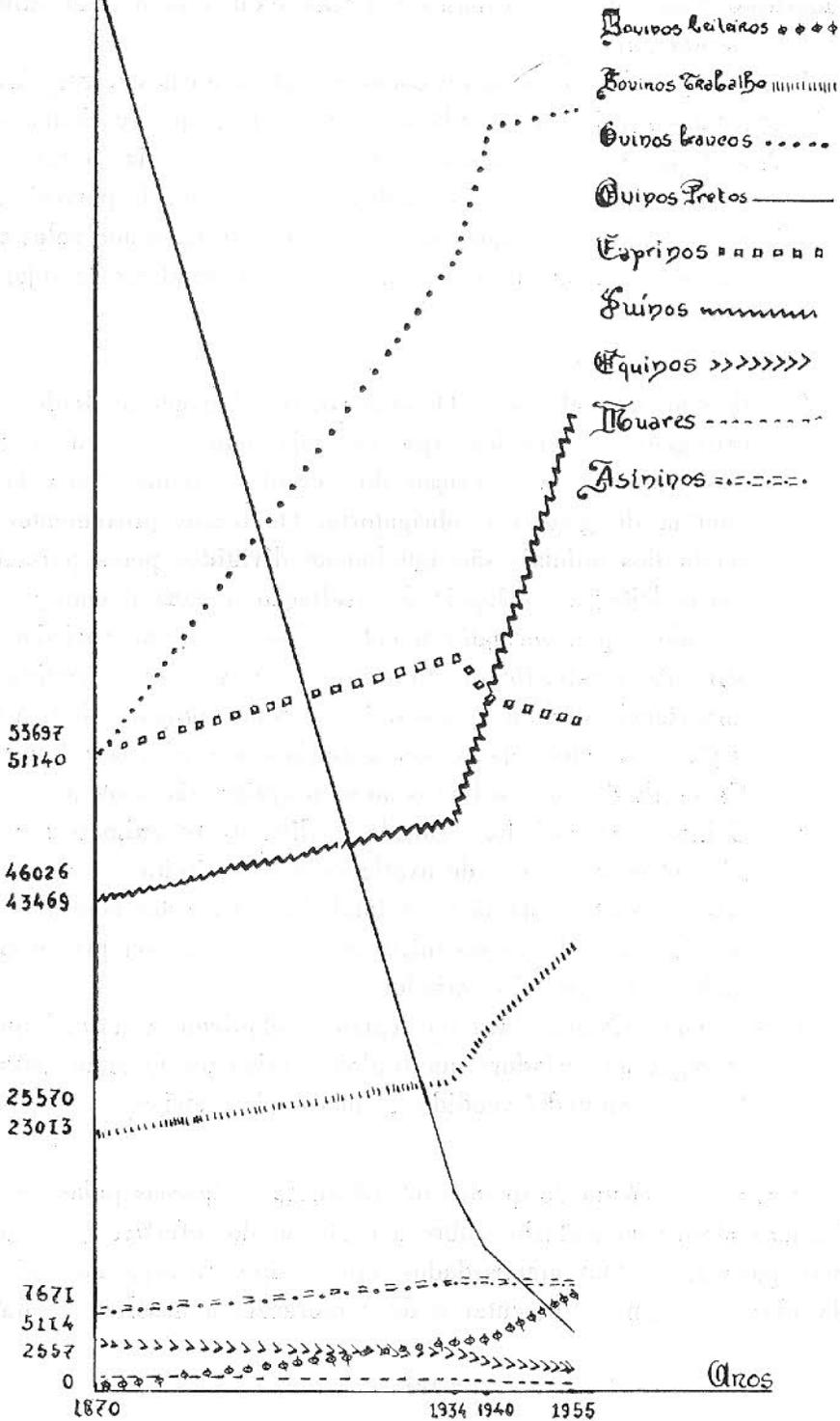
QUADRO N.º 13

Anos	Equinos	Muares	Asininos	Bovinos		Ovinos		Caprinos	Suínos
				Trabalho	Leiteiros	Brancos	Pretos		
1870	4 373	1 578	6 890	23 582	33	51 717	127 853	51 871	44 988
1934	3 167	1 204	9 840	28 254	4 031	100 700	20 417	66 188	52 776
1940	2 768	1 219	10 003	33 429	4 108	114 143	12 202	63 515	63 227
1955	1 804	1 022	9 338	41 266	8 887	115 021	5 778	60 268	88 276

Veja-se o gráfico junto.

Evolução dos efectivos

127850
E. A.



Esclarecemos que no momento presente o número de bovinos leiteiros (adultos e adolescentes) ultrapassa os 18 000 e que o número de suínos ronda os 100 000 animais.

A exploração dos animais, tal como a exploração das terras, faz-se não só por conta-própria, mas também em parceria a que se chama «ao ganho». Nem todas as espécies são exploradas em parceria, o caso dos equinos, muares e asininos, nem as condições do contrato de parceria são sempre as mesmas; essas condições são combinadas verbalmente pelos contratantes e, em regra, idênticas para uma região. Resumidamente vejamos alguns casos de parceria:

- 1 — Bovinos de trabalho — Os animais, devidamente avaliados, são entregues ao «criador» que os aloja, cuida, alimenta e com eles trabalha. A inscrição do «criador» numa «Sociedade» (mútua de gados) é obrigatória. Os lucros provenientes de venda dos animais são igualmente divididos pelos parceiros.
- 2 — Vacas leiteiras — Depois da avaliação a vaca é entregue ao «criador» que, obrigatoriamente, a inscreve numa Sociedade, a alimenta e trata. Depois do parto, a cria, ao mês, é vendida e a importância dividida pelos dois ao meio; enquanto dura a lactação o «criador» dá ao sócio, diariamente, uma certa quantia. Na venda da vaca os lucros ou os prejuízos são a meias.
- 3 — Ovinos — O «criador» guarda e alimenta os animais que lhe são entregues depois de avaliados e tem direito a metade das crias, a metade da lã e ao total do leite. Estes contratos são anuais e as cabeças do início do contrato são sempre propriedade do meeiro não «criador».
- 4 — Suínos — Numa feira da região é adquirido o animal que é entregue ao «criador» que o aloja e alimenta. Quando, passado tempo, o animal é vendido, os lucros são a meias.

Ainda a propósito do quadro n.º 13 diremos algumas palavras, isto é, faremos alguns comentários sobre a evolução dos efectivos e aproveitaremos para acrescentar alguns dados sobre o tipo, ou raça, dos animais explorados, os regimes alimentar e de exploração, a nosologia e outros

que reputemos de interesse. Quando se justifique faremos referência especial ao que se passa num determinado concelho com determinada espécie.

Assim:

Gado cavalari:

Regra geral, de pequeno porte (abaixo de marca), os animais aqui explorados pertencem aos mais variados tipos, muitas vezes de raça impossível de determinar. Desde o Garrano (Luso-Galisiano) ao Peninsular ananizado, em grande mescla devido à utilização de reprodutores dos mais variados tipos étnicos (Garrano, Árabe, Peninsular, Hackney), de tudo se encontra. A equinicultura teve apreciável importância em alguns concelhos do Distrito, como Mira, Cantanhede, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho e para estes concelhos eram destacados garanhões da E.Z.N. (Garranos para o de Mira; Árabe, Andaluz, Hackney para os da Figueira da Foz e Montemor-o-Velho). Os efectivos vêm diminuindo progressiva e regularmente em todos os arrolamentos, o que não surpreende dado o desenvolvimento dos meios de transporte e a melhoria das vias de comunicação. Presentemente, só nos campos do Mondego, principalmente no concelho de Montemor-o-Velho, se dedica alguma atenção à criação de gado cavalari e ainda existem algumas piaras de éguas de ventre; no concelho da Figueira da Foz, na Quinta de Foja, existem ainda os restos duma coudelaria que teve grande nomeada e onde ainda se podem admirar alguns exemplares Puro Sangue Inglês, entre outros. A utilização dos animais existentes é o tipo ligeiro, principalmente, o serviço de sela e a carga a dorso. A criação faz-se em regime estabular, ou em manadio, e o regime alimentar é pastoril, estabular ou misto, e em regra deficiente (o estabular é o mais equilibrado). No aspecto nosológico diremos que a mortalidade é pequena e que a morbidade se deve, principalmente, às colicas de areia nos animais das manadas, ao carbúnculo hemático, ao tétano. A gastrofilose existe com certa profusão.

Dos concelhos de Cantanhede e Mira quase desapareceu este gado que foi substituído pela vaca leiteira. Nos concelhos serranos, onde o gado cavalari desempenhava importante papel como meio de deslocação, a melhoria dos transportes relegou-o para um lugar de quase nula importância.

Gado muar:

Por todo o distrito se encontram muares, dos tipos asneiro ou egua-riço, utilizados no tiro ligeiro e na carga a dorso. Muito resistentes, estes animais ainda hoje prestam bons serviços e são os preferidos dos moleiros, azeiteiros, etc.; vêm-se com frequência em Cernache, Condeixa-a-Nova e Soure. No Distrito pouca criação se faz deste gado e são as zonas da Guarda e de Viseu as origens da grande maioria dos animais existentes. São explorados em regime estabular. Nas zonas serranas do Distrito o gado muar teve bastante importância e, devido aos bons serviços que presta, a redução que se vem processando nos efectivos é lenta.

No aspecto nosológico nada há a assinalar em especial e o que se disse para o gado cavalariço tem aqui cabimento.

Gado asnal:

São do chamado tipo Africano quase todos os animais existentes. Muito frugais e de grande resistência prestam excelentes serviços. O regime estabular é o que largamente predomina na sua exploração. São predominantemente utilizados na carga a dorso e a sua sobriedade, aliada ao relativo pequeno custo, faz com que sejam os preferidos dos economicamente débeis ou daqueles que vivem em zonas onde as forragens são difíceis de obter. A criação, que se faz, quase se poderia dizer que «acontece», isto é, não há cuidados na escolha dos reprodutores; talvez 80 % das fêmeas existentes criem anualmente e as crias são utilizadas na renovação dos efectivos. Desde o aumento que de 1870 para 1934 se verificou, deu-se uma estabilização dos efectivos.

As regiões do Distrito onde este gado mais abunda são o concelho de Soure (a parte seca), o de Penela e o da Figueira da Foz.

No aspecto nosológico aplica-se aqui o que dissemos para o gado muar.

Gado bovino de trabalho:

A raça mais representada, que em muito domina todas as outras, é a Mirandesa. Na zona limítrofe com o distrito de Aveiro encontram-se

alguns animais da raça Marinhoa e em contacto com o distrito de Viseu podem encontrar-se raros representantes da raça Arouquesa; nos campos do Mondego ainda existem dois reduzidíssimos núcleos de animais ditos de raça Brava. Existem, no Distrito, zonas de criação e zonas de recria, se bem que os seus limites não possam ser rigorosamente definidos. Nas zonas de criação existem postos particulares de reprodutores, sendo os animais aí em serviço aprovados pelos Serviços Officiais; esses postos, todos com reprodutores da raça Mirandesa são, no Distrito, em número de 61. O regime estabular é o usado e nem o facto de haver algumas épocas do ano em que há pastoreio nos pode levar a admitir outro. Para os poucos animais da raça Brava que ainda existem usa-se um regime misto com larga predominância do período pastoril. A alimentação administrada pode considerar-se razoável se exceptuarmos os períodos de escassês e o facto de os alimentos concentrados se usarem muito pouco. Os efectivos têm vindo a registar um aumento constante e é um facto que a bovinicultura continua a merecer a simpatia das gentes dos campos.

No aspecto nosológico podemos dizer que a mortalidade é pequena e que são as crias, em virtude de perturbações intestinais, que pagam maior tributo.

A distomatose abunda em algumas zonas e a hipodermose também aparece.

Registam-se alguns casos de carbúnculo hemático e de piroplasmose. A tuberculose ainda é causa de rejeição de algumas carcaças nos mata-douros.

A actinomicose também aparece, mas pouco. As indigestões são frequentes, consequências, as mais das vezes, de alimentação defeituosa. As verminoses oculares são raras. A papilomatose encontra-se pouco, mas as tricofitíases são frequentes. A febre aftosa, nos anos em que esta zoonose aparece no País, faz também aqui o seu aparecimento; em regra é benigna, mas na epizootia de 1962 foram em elevado número os animais diminuídos pela hipertricose post-aftosa.

A seguir indicaremos, resumidamente, alguns dados em relação aos concelhos:

Arganil — Zona de recria, os animais existentes são em 94 % dos casos do sexo masculino. Os animais são adquiridos em novos nas feiras

da região, ensinados a trabalhar e depois vendidos. É dos poucos concelhos do Distrito onde os efectivos diminuem, podendo dizer-se que este concelho parece caminhar em sentido oposto.

Cantanhede — Zona de criação, embora não muito intensa pois só 34 % dos animais existentes são fêmeas. As crias produzidas destinam-se à renovação dos efectivos e, o excesso, à venda. A recria também se pratica e é neste sector que impera a parceria. A tendência para o aumento dos efectivos, que desde 1870 se verifica, mantém-se ainda hoje se bem que um pouco atenuada visto haver zonas que se podem considerar saturadas para as condições actuais.

Coimbra — Zona de criação de certo interesse pois há aproximadamente 50 % de fêmeas. Pratica-se também a recria e é intenso o negócio que à volta deste gado se desenvolve. Desde 1870 que se vêm verificando pequenos aumentos dos efectivos, o que quer dizer que o concelho concorre para o comportamento do Distrito duma maneira positiva.

Condeixa-a-Nova — Zona de criação, com aproximadamente 60 % dos efectivos do sexo feminino. Nas regiões mais secas pratica-se a recria mais intensamente. O aumento constante dos efectivos tem-se verificado desde 1870.

Figueira da Foz — Zona de criação, sendo 60 % dos efectivos do sexo feminino. Aumentos substanciais dos efectivos se têm registado desde 1870, o que coloca este concelho numa boa posição no conjunto do Distrito.

Góis — Zona de recria, com 90 % dos animais do sexo masculino. Os efectivos diminuíram de 1870 para 1940 e aumentaram de 1940 para 1955 ficando ao nível de 1870. A actual tendência, talvez pelos bons preços atingidos por este gado, é para um aumento se bem que pouco acentuado.

Lousã — Zona de recria, com os efectivos constituídos por 90 % de machos. De 1870 para 1934 deu-se uma apreciável diminuição dos efectivos, não compensada com o pequeno aumento que se verificou de 1934 para 1940. De 1940 para 1955 os efectivos mantiveram-se e a estabilização parece ser a tendência.

Mira — Zona de criação, com aproximadamente 50 % dos efectivos de cada sexo. Aparecem-nos aqui animais da raça Marinhola e muitos produtos de cruzamento Mirandesa × Marinhola. O aumento dos efectivos que se verifica desde 1870 parece ser a tendência actual, só limitada pelas possibilidades de alimentação.

Miranda do Corvo — Zona de recria, pois as fêmeas não atingem 5 % dos efectivos. Desde 1870 que se vem dando o aumento dos efectivos podendo dizer-se que este concelho concorre em bom quinhão para a tendência do Distrito.

Montemor-o-Velho — Zona de criação, atingindo as fêmeas 60 % dos efectivos. Aumento substancial dos efectivos desde 1870. É neste concelho, na freguesia de Santo Varão, que existem dois pequenos núcleos de animais da raça Brava.

Oliveira do Hospital — Zona de recria, com os machos perfazendo 87 % dos efectivos. De 1870 para 1934 deu-se uma considerável redução que só numa pequena parte foi compensada pelos aumentos verificados de 1934 para 1940 e de 1940 para 1955. A estabilização parece ser a tendência actual e a boa posição do Distrito não é, concerteza, devida ao contributo deste concelho.

Pampilhosa da Serra — Zona de recria, com 95 % de machos nos efectivos. Aparecem-nos aqui animais da raça Mirandesa da variedade a que alguns chamam «Ratinha» (menor corpulência e pelagem mais aberta). É nos concelhos de Covilhã e Fundão que são adquiridos quase todos os animais que são aqui recriados. Os efectivos, que de 1870 para 1934 sofreram uma considerável redução, aumentaram depois de modo a compensar a diminuição referida. A tendência actual parece ser para uma estabilização ou um ligeiro aumento.

Penacova — Zona de recria, com 95 % de machos nos efectivos (neste concelho é hábito os lavradores dizerem «que mal vai o ano em que não se vende uma junta», tão intenso é o negócio de bovinos). Os animais são

adquiridos em novos, ensinados a trabalhar e vendidos. Aparecem-nos aqui algumas juntas de bois Arouqueses. Desde 1870 que os efectivos vêm aumentando; podendo dizer-se que este concelho concorre em boa parte para a posição do Distrito.

Penela — Zona de recria, com 90 % dos efectivos constituídos por machos. O aumento tem-se verificado desde 1870 e em boa quota parte este concelho concorre para a posição do Distrito.

Poiães — Zona de recria, não ultrapassando as fêmeas 3 % dos efectivos. Vêm-se nesta zona algumas juntas de bois Arouqueses. Desde 1870 que os efectivos diminuem pelo que este concelho é dos poucos que caminha em sentido oposto ao do Distrito.

Soure — Zona de criação (60 % dos efectivos são fêmeas), embora se pratique em larga escala a recria. Aumento constante dos efectivos desde 1870, tendência que se mantém presentemente.

Tábua — Zona de recria, não ultrapassando as fêmeas 10 % dos efectivos. A pequena diminuição verificada de 1870 para 1934 já foi largamente compensada pelos aumentos posteriores.

Gado bovino leiteiro

Da raça Holando-Portuguesa são quase todos os animais existentes, se bem que se encontrem alguns exemplares da raça Holandesa. Desapareceram há já alguns anos os últimos exemplares da raça Jersey que chegou a ter certa importância no concelho de Coimbra. Desde o zero que o Arrolamento geral de gados de 1870 registou para o gado bovino leiteiro até ao presente foi percorrido um longo caminho e, para ficarmos mais dentro da realidade, devemos adicionar ao número referido no Arrolamento de 1955 mais ou menos 5000. Nem em todo o Distrito o gado bovino leiteiro se encontra em profusão, como veremos adiante.

Existem 73 postos particulares de cobrição, com touros holando-portugueses aprovados pelos Serviços Officiais. Presentemente, e em colabora-

ção com a Federação dos Grêmios da Lavoura da Província da Beira Litoral vão ter maior expansão os serviços de inseminação artificial que até agora têm funcionado muito precariamente e sem continuidade. O gado bovino leiteiro tem grande importância na economia regional: basta dizer que o Distrito é o 4.º do país na produção do leite. Aquela Federação iniciou agora a recolha do leite, que era feita pelos industriais, e espera-se que deste facto venha a lucrar bastante a lavoura. A exploração da vaca leiteira faz-se em regime estabular e está longe de ser como devia: maus alojamentos e deficiente ou defeituosa alimentação, com ausência dos cuidados higiénicos necessários. No Distrito pratica-se intensamente a criação deste gado e quase só nos arredores de Coimbra há uma certa recria de certo vulto. As crias obtidas nas zonas de criação chegam e sobejam para a renovação dos efectivos, tanto mais que a substituição é feita tardiamente e por isso se encontram animais de muita idade. O saldo das crias produzidas concorre para o repovoamento de outras zonas do país, nomeadamente do Sul, para onde se vendem também muitos animais adultos.

No aspecto nosológico diremos que as considerações que neste capítulo se fizeram para o gado de trabalho se aplicam aqui inteiramente. Acrescentamos, no entanto, que se registam alguns casos de brucelose (resultados de análises laboratoriais), mas que esta zoonose não constitui problema pelo menos por enquanto. As metrites que se registam, e que tantas vezes dão causa a esterilidade, são quase sempre a consequência de intervenções inoportunas ou defeituosas de pessoas não habilitadas. As mamites, muito embora a mamite contagiosa seja pouco frequente, inutilizam anualmente algumas dezenas de animais para a sua função específica.

Já se registaram no Distrito dois casos de vibriose, mas num só foco; não houve, felizmente, propagação. A tuberculose ainda aparece, mas em pequena percentagem (0,2 %).

A propósito dos concelhos, tomados isoladamente, diremos:

Arganil — De reduzido interesse a exploração do gado leiteiro, apesar de haver duas explorações razoáveis. 2,808 animais por estábulo é a média, a maior do Distrito. Leite para consumo directo.

Cantanhede — O concelho de maiores efectivos leiteiros. A vaca leiteira é aqui explorada também na produção de trabalho, o que faz com que a produção leiteira seja, em regra, baixa. A dispersão é a característica dominante com uma média de 1,219 animais por estábulo. Leite para a indústria, principalmente.

Coimbra — É na zona de Coimbra que mais vacarias existem, se bem que não haja estábulos com muitas cabeças (35 é o número máximo). Leite para o consumo da cidade. Média de 1,411 animais por estábulo.

Condeixa-a-Nova — Os efectivos rondam as duas centenas. Média de 1,299 animais por estábulo. Na freguesia de Anobra este gado tem já uma certa importância na economia da região. Leite para consumo e para a indústria.

Figueira da Foz — Em terceiro lugar, por concelhos, no número de animais; é a zona norte que sobressai na criação deste gado. A utilização da vaca leiteira nos trabalhos agrícolas é prática corrente. Leite para a indústria e para consumo, principalmente no Verão. Média de 1,297 animais por estábulo.

Gois — De reduzida importância, efectivos que escassamente atingem as duas dezenas. Leite para consumo directo. Média de 2,375 animais por estábulo.

Lousã — Efectivos que rondam as três dezenas e que são insuficientes para o abastecimento do concelho; contudo, assiste-se a uma situação paradoxal: algum leite produzido é vendido para a indústria e é uma firma industrial que fornece o leite em falta para o consumo. Esta anomalia deve-se, entre outros factos, a duas causas: 1.^a) Grande parte das vacas existentes são vendidas por uma firma de lacticínios com a condição prévia de lhe ser reservado o leite; 2.^a) a existência duma Cooperativa que, devido ao pequeno volume de leite que dispõe, é obrigada, para ocorrer às suas despesas, a onerar cada litro de leite que lhe é entregue em uma quantia tal que dá origem a que os produtores não sócios recebam, por litro, na

venda directa ao público, mais \$50 a \$80 que os sócios. Média de 1,75 animais por estábulo.

Mira — O segundo concelho do Distrito em efectivos leiteiros (aproximadamente 3000 animais). As vacas realizam todo o trabalho da agricultura e, pode dizer-se, foi a vaca leiteira que substituiu o cavalo que ainda há poucos anos era o animal mais utilizado nos trabalhos agrícolas. Leite para a indústria, na quase totalidade. A média de animais por estábulo é de 1,213, a mais baixa do Distrito, apesar de ser neste concelho que existe o estábulo com mais bovinos, o da Junta de Colonização Interna, no Baldio da Videira Norte, com 100 cabeças. Os animais que a J. C. I. mantém no Baldio são explorados em estabulação livre e das instalações constam silos e uma sala de ordenha. Há prados de luzerna e de outras plantas forrageiras e o conjunto merece ser visitado pois ali se usam técnicas que ainda não entraram nos hábitos dos proprietários comuns.

Miranda do Corvo — De interesse reduzido na economia da região, pois os efectivos não atingem a centena. Leite para o consumo e para a indústria. Média de 1,395 animais por estábulo.

Montemor-o-Velho — O quarto concelho do Distrito em efectivos leiteiros (quase dois milhares). Leite para a indústria, principalmente (da freguesia de Tentúgal vem leite para o consumo de Coimbra). A vaca leiteira é utilizada nos trabalhos agrícolas, em regra. Média de 1,239 animais por estábulo.

Oliveira do Hospital — Num total que difficilmente atinge os 60 animais, o seu interesse na economia do concelho é reduzido. Leite para o consumo e para a indústria. Média de 1,611 animais por estábulo.

Pampilhosa da Serra — Três animais constituem os efectivos do concelho. Média de 1,5 animais por estábulo.

Penacova — De reduzido interesse na economia regional, pois os efectivos não atingem as três dezenas. Média de 1,473 animais por estábulo. Leite para o consumo directo.

Penela — De pouco interesse; efectivos que não chegam a meia centena. Leite para consumo e para a indústria. Média de 1,5 animais por estábulo.

Poiães — Com um efectivo que atinge duas dezenas, é de reduzido interesse na economia regional. Leite para consumo. Média de 1,8 animais por estábulo.

Soure — Nos dois ou três anos transactos os efectivos aumentaram em ritmo veloz e atingiram as três centenas; mas daí para cá assistiu-se a um retrocesso. O gado leiteiro já tem algum interesse na economia da região, mas não muito. Na Quinta da Cruz pratica-se a recria de vitelas em número apreciável e em estabulação livre. Leite para consumo e para a indústria. Média de 1,419 animais por estábulo.

Tábua — Com um efectivo de escassas três dezenas, não tem interesse na economia da região. Leite para consumo e algum para a indústria. Média de 1,736 animais por estábulo.

Como se vê, a dispersão dos animais existentes por elevado número de estábulos é característica comum a todos os concelhos.

Gado ovino branco

Por todo o Distrito se encontram ovinos brancos, em regra Borda-leiro Comum. Mais numerosos numas zonas que noutras, desde a pequena ovelha das zonas pobres, que mal dá leite para criar o cordeiro, até à ovelha da Terra Chã da Beira que alia a uma razoável corpulência uma produção leiteira que atinge os 300 kg por lactação, de tudo se encontra. Se exceptuarmos as ovelhas «curradeiras» com um regime de exploração misto, a exploração dos ovinos faz-se em regime pastoril. No momento presente inicia a sua actividade uma Cooperativa de Ovinicultores em Oliveira do Hospital que se propõe fazer a exploração dos ovinos em regime misto (estabular e pastoril).

É sabido que nas zonas onde a cultura dos campos se faz intensivamente escasseiam os rebanhos enquanto que nas zonas de baldios ou de

cultura extensiva (campos do Mondego) há mais rebanhos. A cobrição das ovelhas faz-se, regra geral, em fins de Abril e Maio; para a cobrição das ovelhas «curradeiras» exploradas por causa das crias e do estrume, usa-se um borrego do ano anterior (malato). Nos rebanhos há carneiros para fazerem as cobrições e o principal objectivo da exploração é a produção de leite. Há regiões onde um indivíduo que possui uma ou duas dezenas de animais se encarrega da apascentação de ovelhas de vários proprietários mediante o pagamento de determinada importância por cabeça ou a troco do leite que as ovelhas produzam.

Desde 1870 que o número de ovinos brancos vem aumentando, se bem que esse aumento corresponda antes a uma substituição dos ovinos pretos por brancos, apesar de, no total, o número de ovinos (brancos + pretos) ter diminuído. Ovis, praticamente, não existem no Distrito.

No aspecto nosológico, e tendo em atenção que nem em todo o Distrito as coisas se passam do mesmo modo, podemos referir que a mortalidade, principalmente das crias, é elevada em certos anos (fome, parasitismo, enterotoxémias). Entre os adultos a enterotoxémia faz-se sentir e o carbúnculo hemático e as septicémias também se registam. A piroplasmose faz algumas vítimas, as moniezioses e as estrogiloses gastro-intestinais também cobram a sua taxa. A distomatose é o maior flagelo de certas zonas onde se registaram casos de infestações de tal grandeza que obrigaram à extinção de rebanhos durante anos e a tratamentos dispendiosos dos campos (Quinta do Canal, nos campos do Mondego). A peeira existe em escala apreciável e em certos anos registam-se casos de ectima contagioso e de ronha.

Gado ovino preto

Os ovinos pretos, como os brancos, também se encontram por todo o Distrito. Desde o ananizado das regiões pobres até ao razoavelmente copulento de Oliveira do Hospital de tudo se encontra, mas sempre Bordaleiro Comum. Dentro das chamadas castas leiteiras os ovinos pretos não são inferiores aos brancos na produção de tão valioso leite. O número de ovinos pretos vem diminuindo substancialmente desde 1870; deu-se uma substi-

tuição pelos ovinos brancos, mas diminuição que foi além dessa substituição. Tudo o que dissemos sobre os ovinos brancos, no que respeita a cobrições, regimes de exploração, nosologia, se aplica integralmente aos ovinos pretos, até porque eles vivem juntamente no mesmo rebanho grande parte das vezes.

O reconhecimento parasitário, com vistas à elaboração da Carta Zooparasitária do Distrito (e do País), já foi realizado.

Desde há aproximadamente vinte anos que os Serviços Officiais vêm prestando assistência técnica à ovinicultura, principalmente na Terra Chã da Beira. São anualmente contrastados rebanhos que perfazem duas dezenas e todos os anos se realiza um Concurso Pecuário onde se premeiam os proprietários dos melhores animais.

O estudo do queijo da Serra desde há muito que vem merecendo a atenção dos Serviços Officiais, mas ainda não foi concluído, como conviria. Últimamente estão a fazer-se novos trabalhos com esse objectivo. Também o Instituto Nacional de Investigação Industrial, por intermédio dum técnico veterinário, está a proceder, na região, a estudos que se relacionam com a maturação do queijo (temperatura, humidade, etc.).

Sobre os ovinos em cada concelho diremos o que se segue:

Arganil — A par dos animais de pouca corpulência, surgem os do tipo de Oliveira do Hospital. Pratica-se a transumância. Efectivos a diminuir, embora lentamente, talvez devido à arborização dos baldios. Fizeram-se experiências sobre a possibilidade de obter, na Serra de Arganil, prados com plantas do tipo alpino com vistas a um possível aproveitamento silvo-pastoril dos baldios em vez do exclusivo «silvo»; informam-nos que as experiências não foram desanimadoras, mas pararam. Porquê? Não sabemos.

Cantanhede — Sem interesse de maior. Só na zona a oriente da sede do concelho se encontram alguns pequenos rebanhos (Ançã) que são explorados com a finalidade de obter leite para a fabricação de queijo que é vendido em fresco. Efectivos a diminuir. Predomina a ovelha «curraleira».

Coimbra — Efectivos apreciáveis; mantêm-se praticamente desde 1870 só com a diferença de que os ovinos brancos substituíram os pretos.

Há rebanhos numerosos nos campos do Mondego e a obtenção de leite para fabricar queijo, que é vendido em fresco, constitue o objectivo.

Condeixa-a-Nova — Deu-se a substituição dos ovinos pretos pelos brancos, mas a par disso houve diminuição dos efectivos. Encontram-se alguns rebanhos, mas predomina a ovelha «curraleira».

Figueira da Foz — Mantêm-se os efectivos, com predominância da ovelha «curraleira», depois que se deu a substituição dos ovinos pretos pelos brancos. Há alguns rebanhos nos campos do Mondego.

Gois — Deu-se a substituição dos ovinos pretos pelos brancos e reduziram-se os efectivos. Predomina a ovelha ananizada e a obtenção de crias é o principal objectivo, além da lã.

Lousã — O mesmo que em Gois. Há aqui a particularidade de em alguns lugares da Serra se usar a «vezeira»: os proprietários de ovinos ocupam-se, à vez e de acordo com o número de animais que possuem, da apascentação do rebanho comum.

Mira — Sem interesse.

Miranda do Corvo — Nada a acrescentar ao que se disse de Gois, a não ser que são mais numerosas as ovelhas «curraleiras».

Montemor-o-Velho — Substituição dos ovinos pretos pelos brancos e apreciável redução dos efectivos. Há rebanhos nos campos do Mondego e o leite para o fabrico de queijo, que se vende em fresco, é o que se pretende, em primeiro lugar, das ovelhas.

Oliveira do Hospital — Deu-se a quase total substituição dos ovinos pretos pelos brancos e a par dessa substituição houve uma redução dos efectivos. Faremos aqui mais largas considerações que se applicam aos ovinos Bordaleiros Comuns do Distrito, pretos ou brancos, desde que sejam do tipo dos da Terra Chã da Beira.

Os ovinos Bordaleiros devem ter derivado dos cruzamentos ancestrais dos ovinos da Península — *ovis aries iberica* — com os do tronco africano — *ovis aries africana* — para aqui trazidos durante o período de dominação árabe. São actualmente animais de corpulência média (40 a 42 kg nas fêmeas, 60 a 65 nos machos), possuindo um velo de lã do tipo cruzado fino com 1,8 kg nas fêmeas e 3,3 kg nos machos. A sua cabeça é regular, de perfil convexo, provida de cornos rugosos, enrolados em espiral alongada, face comprida e estreita, olhos grandes; pescoço comprido e fino, tronco estreito, pouco arqueado e de pequeno volume, garupa e coxas pouco desenvolvidas, membros compridos e finos, deslanados por dentro e abaixo dos joelhos e curvilhões. O aparelho mamário é bastante volumoso, globoso, com um sulco mediano evidente, de tetos regularmente desenvolvidos, velo não muito extenso, não cobrindo muitas vezes a face inferior do tronco e pescoço nem as extremidades; é heterogéneo e contém normalmente apreciável número de fibras meduladas. A lã é do tipo cruzado fino, com diâmetros que vão das 20 às 36 micra e um comprimento que varia dos 8 aos 14 centímetros, com média pouco acima dos 11 centímetros. O período de lactação é em média de 240 dias e vai de fins de Setembro ou Outubro até meados de Junho; neste período obtêm-se lactações médias, variáveis segundo o ano, de 110 a 180 kg de leite (incluindo o período de amamentação). Estas produções observam-se nos rebanhos mantidos em condições regulares de tratamento, baixando naqueles outros em que as ovelhas, vivendo em meios mais adversos, não dispõem de regular alimentação. Os máximos observados numa lactação ultrapassam os 300 Kg (310, 311, 318, 359 kg em 1961-62 e 1962-63), com médias diárias que vão até 1,250 Kg. É apreciável a fecundidade e a prolificidade destes animais. São raros os casos de infecundidade e a média de crias por ovelha é de 1,2. A venda das crias dispensáveis ao rebanho é feita muito cedo — entre os 8 e os 30 dias — para aproveitamento máximo do leite. Dado e reconhecido o valor excepcional da produção leiteira destes animais, os Serviços Pecuários desde há muito que lhe vêm dedicando a sua atenção e para isso mantêm um Posto de Fomento em Oliveira do Hospital. Sobre as condições de exploração diremos algumas palavras. Em média os rebanhos são de 30-50 cabeças, excepcionalmente de mais. Mantidos em regime pastoril permanente, a alimentação destes animais, se bem que cuidada em

certos aspectos, está muito dependente das condições climatéricas do ano. Começando por uma época de parições em Setembro-Outubro, a ovelha começa logo por sentir as primeiras dificuldades se no fim do verão não caírem algumas chuvas; se assim suceder, o lavrador recorre, nessa altura, a palhas de milho, de feijão, à batata miúda, raramente a farinhas e cereais. Se choveu, as ervas criadas no meio do milho ou ali semeadas — o azevém — constituem a base da alimentação que se prolongará pelo inverno fora, pois é esta erva aquela que melhor aguenta as geadas. Mais tarde, pela Primavera e início do Verão, já os ovinos podem dispor, além duma vegetação espontânea mais abundante, de prados semeados com cereais, serradela ou trevo, tremocilha, etc., que constituem boa forragem. Simultaneamente a este apascentamento, as ovelhas percorrem duas vezes por dia — de manhã e ao entardecer — os matos das redondezas onde crescem várias espécies, algumas com valor nutritivo apreciável (tojo molar, giesta, etc.). É por volta do S. João, quando tudo seca e as terras são necessárias para a cultura do milho, que os rebanhos fazem a transumância, sendo mais frequentemente visitadas as Serras da Estrela e de Montemuro. As cobrições, como já dissemos, fazem-se em fins de Abril e Maio. Sobre a industrialização do leite no fabrico do «queijo da Serra» nada há a dizer a não ser que se está ainda num primitivismo confrangedor. Sabemos que à Comissão nomeada para estudar os lacticínios compete também o estudo do queijo da Serra; confiemos no resultado desse estudo. Para o fabrico dum quilograma de queijo da Serra (formato circular de 12-20 cm de diâmetro, pasta branca, por vezes muito mole, untuosa, de casca fina e amarelada e de sabor extraordinário que o coloca na primeira fila dos queijos mundiais) são precisos entre 5 e 6 kg de leite. Como já dissemos noutra local, a Cooperativa de Ovinicultores de Oliveira do Hospital propõe-se explorar vários núcleos de ovinos em semi-estabulação e industrializar racionalmente o leite, para o que se propõe montar uma fábrica com todos os requisitos.

Pampilhosa da Serra — Substituídos na quase totalidade os ovinos pretos pelos brancos, com um ligeiro aumento dos efectivos totais. Ovelhas de pouca corpulência, exploradas com a finalidade primeira da obtenção de crias.

Penacova — Ligeira diminuição dos efectivos após a substituição dos ovinos pretos pelos brancos. A exploração destes animais tem por fim a obtenção de crias e de leite que é transformado em queijo que é vendido em fresco.

Penela — Após a substituição dos ovinos pretos pelos brancos, operada de 1870 para 1934, deu-se uma estabilização dos efectivos. Há muitas ovelhas «curradeiras» e pequenos rebanhos. Na freguesia de Rabaçal há pequenos núcleos de ovinos Bordaleiros que são razoáveis produtores de leite. Com esse leite é fabricado o «queijo do Rabaçal» que teve certo renome apesar de ser fabricado em condições que muito deixam a desejar; uma boa parte do queijo é vendido em fresco.

Poiães — Ligeiro aumento dos efectivos após a substituição dos ovinos pretos pelos brancos. Predominância de ovelhas «curradeiras» que são exploradas num regime misto (estabular e pastoril). A obtenção de crias e de leite para o fabrico de queijo, que é vendido em fresco, são os objectivos da exploração deste gado.

Soure — Ligeira diminuição dos efectivos após a substituição dos ovinos pretos pelos brancos. Percentagem elevada de ovelhas «curradeiras» e alguns rebanhos. A obtenção de crias e do leite para o fabrico do queijo, que é vendido em fresco, são os objectivos da exploração.

Tábua — Redução apreciável dos efectivos após a substituição dos ovinos pretos pelos brancos. As considerações que se fizeram a propósito do concelho de Oliveira do Hospital têm aqui quase inteiro cabimento.

Gado Caprino:

Da raça Serrana, ou mestiços indeterminados, são quase todos os animais existentes. Desde a «cabra de corda» explorada em regime misto (pastoril e estabular) junto das casas de habitação até à cabra de rebanho, por todo o Distrito se encontram animais desta espécie. Há zonas onde a produção de leite é o principal objectivo (todas as «cabras de corda») e

outras onde a produção de crias predomina. As cobrições das «cabras de corda» ou são feitas por um chibo do ano anterior ou são levadas por uns dias para um rebanho que possua bode. A mortalidade não é muito elevada e são as crias que pagam mais elevado tributo, principalmente nos anos de escassês de alimentos. Os efectivos, que de 1870 para 1934 sofreram um aumento considerável, têm vindo, desde então, a reduzir-se lentamente constantemente para o que muito tem contribuído a arborização dos baldios e dos terrenos de particulares. Tudo o que dissemos para os ovinos, no capítulo de regime de exploração, aqui se aplica, até porque são muitos os caprinos que andam conjuntamente com os ovinos nos rebanhos. Na nosologia, acrescentamos a brucelose. No intuito de prevenir a brucelose humana vem-se realizando há alguns anos, nos concelhos de maiores efectivos caprinos (parte do concelho de Coimbra, Condeixa-a-Nova, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Penela, Lousã, Soure e Tábua), a Campanha de Saneamento contra a *Melitococcia Caprina* com resultados animadores porquanto os casos de Febre de Malta nos humanos têm diminuído.

Gado suíno:

É a espécie mais regularmente distribuída no Distrito. Desde o Bizaro pernalteiro até ao Large-White e Land-Race passando pelos vários Mestiços de tudo se encontra. A exploração faz-se em estabulação permanente e sempre, ou quase sempre, em más condições de alojamento e com defeituosa ou deficiente alimentação. Por todo o Distrito se faz criação de suínos, mas há zonas onde a recria predomina (zonas serranas dos concelhos de Condeixa-a-Nova, Gois, Lousã, Miranda do Corvo, Pampilhosa da Serra, Penela). As cobrições, em 99 % dos casos, são realizadas sem ter em vista o melhoramento zootécnico dos efectivos e em todos os concelhos do Distrito há indivíduos que possuem varrascos que andam de curral em curral a fazer as cobrições e... a espalhar doenças. Há regiões onde algumas famílias se dedicam a uma «actividade» interessante: adquirem um leitão que alimentam e detêm 2 ou 3 meses e que depois vendem; repetem esta operação até conseguirem o dinheiro suficiente para adquirir um suíno mais corpulento que depois abatem para seu consumo. Também em certas

zonas os suínos são explorados em parceria, mas não são muito frequentes estes casos. Os efectivos têm aumentado regularmente, o que não admira, porquanto o número de suínos está estreitamente ligado ao número de fogos, no meio rural.

No aspecto nosológico são as doenças rubras que maior número de vítimas fazem, principalmente a peste suína clássica, o que não surpreende numa zona onde as vacinações ainda não entraram nos hábitos da maioria dos proprietários. A mortalidade das crias é grande, devida quase sempre a carências alimentares e a desarranjos intestinais; entre os adultos a mortalidade é elevada ou baixa conforme a peste suína clássica faz ou não o seu aparecimento. Entre as doenças parasitárias podem citar-se a cisticercose e a ascariidose como sendo as mais frequentes e, ainda, a estrogilose pulmonar. Alguns casos de tuberculose são causa de rejeição nos matadouros.

A peste suína africana (P. S. A.) já por três vezes fez o seu aparecimento no Distrito; nas duas primeiras, mercê das medidas postas em prática pelos Serviços Officiais não teve grande expansão e não foram grandes os prejuízos na suinicultura regional (só interessou os concelhos de Coimbra, Figueira da Foz e Penacova). No terceiro surto, que abrangeu os concelhos de Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Lousã, Mira, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penacova, Penela, Poiães, Soure, e que se verificou no Verão de 1965, os seus efeitos foram tremendos: centenas de animais vitimados, centenas de animais abatidos como medida profiláctica pelos Serviços Officiais, mais de um milhar de contos pagos pelo Estado como indemnização aos proprietários.

No gráfico n.º 1, mais facilmente podem comparar-se os movimentos dos efectivos através dos vários arrolamentos. Para a comparação ser mais fácil considerámos como valor fixo para cada espécie os números de 1870.

15 — A riqueza pecuária do Distrito melhor se avalia, nos vários arrolamentos, se fizermos a conversão das cabeças naturais (C. n.) em cabeças normais (C. N.). Nesta conversão usámos as equivalências que Silvestre Bernardo Lima usou em 1870 (modernamente, e em resumo, admitem-se os seguintes índices de conversão em cabeças normais: bovinos

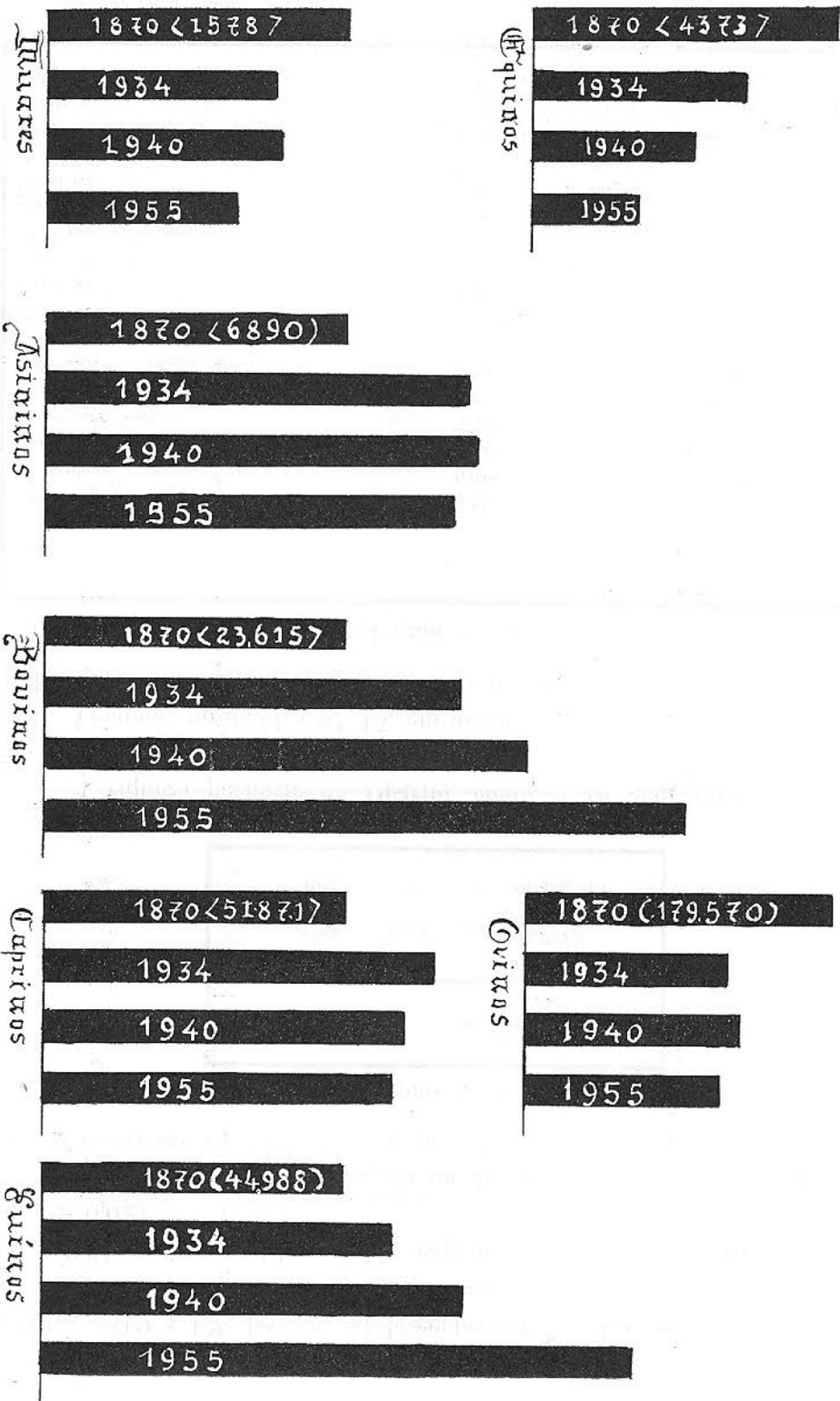


GRAFICO N.º 1

adultos = 0,9 a 1,2; bovinos adolescentes = 0,7 a 0,9; equinos = 1; muares = 1; asininos = 0,5; suínos adultos = 0,3 a 0,45; suínos adolescentes = 0,25; ovinos = 0,1 a 0,15; caprinos = 0,1 a 0,15; aves ou coelhos = 0,02).

Feita a conversão, temos, no quadro n.º 14, o número de cabeças normais existentes no Distrito nos anos dos vários arrolamentos.

QUADRO N.º 14

Anos dos arrolamentos	Número total de cabeças normais
1870	64 427
1934	71 294,4
1940	79 324,8
1955	96 410,7

A riqueza pecuária do Distrito, como se vê, tem aumentado sem interrupções.

Vejamus, no quadro n.º 15, em quanto concorreram os diversos concelhos para o total das cabeças normais do Distrito:

QUADRO N.º 15

Concelhos	Anos dos arrolamentos			
	1870—C.N.	1934—C.N.	1940—C.N.	1955—C.N.
Arganil	6 854,85	4 610,85	4 287,80	4 217,45
Cantanhede	6 019,25	7 110,00	8 518,05	13 412,90
Coimbra	7 046,30	7 202,85	8 318,40	9 258,70
Condeixa-a-Nova	3 067,05	3 172,10	3 621,85	3 831,15
Figueira da Foz	5 873,20	9 330,55	10 957,05	13 551,35
Góis	3 264,40	3 026,55	2 264,80	2 510,30
Lousã	2 819,20	1 716,05	1 849,60	1 935,45
Mira	1 326,50	2 393,55	3 115,10	4 808,00
Miranda do Corvo	1 699,25	1 641,95	2 095,15	2 513,75
Montemor-o-Velho	6 075,70	8 090,60	9 094,95	12 099,70
Oliveira do Hospital	3 693,55	3 000,45	3 519,85	4 415,95
Pampilhosa da Serra	1 961,05	2 079,80	2 889,50	3 006,10
Penacova	3 865,00	4 060,95	4 091,70	4 419,45
Penela	1 885,25	3 070,75	2 748,75	2 923,75
Poiães	1 491,40	1 341,70	1 141,30	1 087,35
Seure	4 481,00	6 664,20	7 613,55	8 467,35
Tábua	3 677,90	3 242,00	3 792,35	3 952,00

Noutro quadro que a seguir incluimos, o n.º 16, podemos ver a proporção C. N./hectare, segundo os vários arrolamentos, no Distrito:

QUADRO N.º 16

Anos dos arrolamentos	Número de C. N. por hectare
1870	0,1629
1934	0,1802
1940	0,2005
1955	0,2411

Como se vê, a proporção tem subido regularmente.

Nos concelhos, podemos observar como as coisas se passam no quadro n.º 17.

QUADRO N.º 17

Concelhos	N.º de C. N. por hectare			
	Anos dos arrolamentos			
	1870	1934	1940	1955
Arganil	0,2114	0,1422	0,1322	0,1300
Cantanhede	0,1525	0,1801	0,2159	0,3399
Coimbra	0,2236	0,2286	0,2640	0,2938
Condeixa-a-Nova	0,2309	0,2388	0,2726	0,2884
Figueira da Foz	0,1661	0,2639	0,3099	0,3833
Góis	0,1136	0,1053	0,0788	0,0873
Lousã	0,2224	0,1354	0,1459	0,1527
Mira	0,1212	0,1984	0,2582	0,3985
Miranda do Corvo	0,1349	0,1304	0,1664	0,1996
Montemor-o-Velho	0,2601	0,3463	0,3893	0,5179
Oliveira do Hospital	0,1595	0,1295	0,1520	0,1907
Pampilhosa da Serra	0,0498	0,0528	0,0581	0,0763
Penacova	0,1770	0,1859	0,1873	0,2023
Penela	0,1443	0,2351	0,2104	0,2238
Poiães	0,1505	0,1354	0,1152	0,1097
Soure	0,1720	0,2558	0,2923	0,3251
Tábua	0,1769	0,1559	0,1824	0,1901

A estes números, para que o seu valor tivesse maior clareza, haveria que fazer as correcções referentes às áreas arborizadas, isto é, à superfície agrícola útil.

Vimos noutro local que aproximadamente 47 % da superfície total do Distrito, estão cobertos de pinhal; assim, *grosso modo*, podemos dizer que o número de C. N. que referimos no quadro n.º 14 se encontra em 50 % da área do Distrito e nesta ordem de ideias a proporção C. N./hectare é dupla da encontrada, admitindo que só metade é utilizável na produção dos alimentos. Evidentemente que este critério é fracamente defensável, mas não restam dúvidas de que, numa comparação do distrito de Coimbra com outros distritos, este facto deve-se ter em conta. Do mesmo modo, como os concelhos são diferentemente arborizados, isto é, florestados, também os números do quadro n.º 17 são susceptíveis de correcção e, assim, tendo em conta a florestação proporcional, a ordenação dos concelhos seria a seguinte: Mira, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Cantanhede, Miranda do Corvo, Penacova, Soure, Tábua, Coimbra, Oliveira do Hospital, Condeixa-a-Nova, Lousã, Arganil, Penela, Poiares, Pampilhosa da Serra e Gois.

Tem aumentado, em si própria, a riqueza pecuária do Distrito; mas esta riqueza só o é na medida em que é utilizada pela população e, quanto a nós, o que de facto interessa verdadeiramente é a relação entre a riqueza pecuária e a população que a utiliza; quer dizer: pode ter aumentado o número de C. N. mas a população ser mais pobre pecuariamente, isto é, ser mais baixa a proporção C. N./habitante.

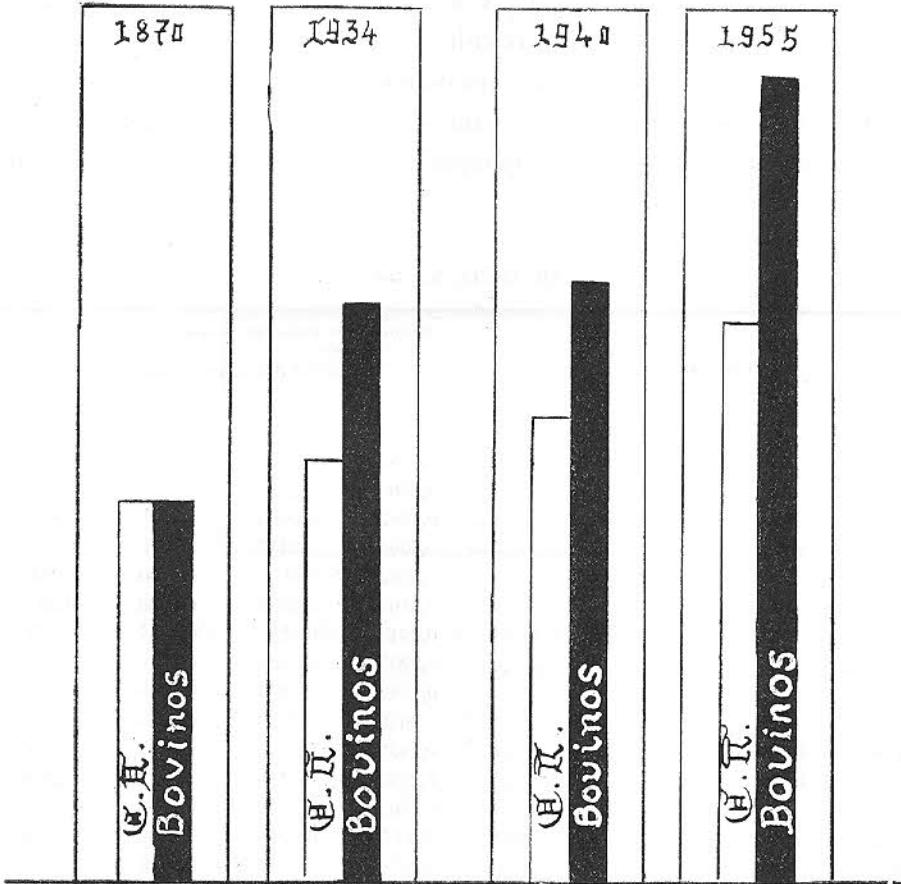
Vamos ver, pois, no quadro número 18, a proporção C. N./habitante nos anos dos vários arrolamentos:

QUADRO N.º 18

Anos dos arrolamentos	Número de cabeças normais por habitante
1870	0,2296
1934	0,1839
1940	0,1926
1955	0,2231

Verifica-se assim que apesar do aumento de C. N., de 1870 para 1955, ser de quase 50 %, a população é proporcionalmente mais pobre

GRÁFICO N.º 2



(como veremos noutro local esta «pobreza» é um pouco aparente, pois o aumento de C. N. deu-se à custa do aumento de espécies essencialmente consideradas comestíveis). No gráfico n.º 2, observa-se com facilidade o que atrás dizemos. Igualámos para 1870 as colunas correspondentes às C. N. e à população para se salientarem as diferenças nos anos seguintes. Fazemos notar que no cálculo do total de C. N. não incluímos as aves e os coelhos e reconhecemos que a avicultura se tem desenvolvido acentuadamente nos últimos anos, o que de certo modo atenuaria a desvantagem de 1955 em relação a 1870; mas a avicultura do distrito de Coimbra será tratada num outro trabalho que nos propomos realizar.

Um pouco superficialmente, vamos ver o que, nos concelhos tomados isoladamente, se passa com a proporção C. N./habitante. Observemos primeiro o quadro n.º 19:

QUADRO N.º 19

Concelhos	Número de cabeças nomais por habitante			
	Anos dos arrolamentos			
	1870	1934	1940	1955
Arganil	0,4162	0,2228	0,2079	0,2024
Cantanhede	0,2586	0,2097	0,2386	0,3841
Coimbra	0,1662	0,0930	0,0959	0,0939
Condeixa-a-Nova	0,3064	0,2447	0,2610	0,2827
Figueira da Foz	0,1782	0,1669	0,1950	0,2351
Góis	0,3163	0,2436	0,1858	0,2277
Lousã	0,2943	0,1282	0,1287	0,1286
Mira	0,2205	0,2486	0,2732	0,3712
Miranda do Corvo	0,1582	0,1294	0,1556	0,1824
Montemor-o-Velho	0,3018	0,3188	0,3329	0,4376
Oliveira do Hospital	0,1622	0,1092	0,1251	0,1590
Pampilhosa da Serra	0,2080	0,1450	0,1521	0,2091
Penacova	0,2582	0,2248	0,2150	0,2291
Penela	0,2063	0,2745	0,2508	0,2826
Poiares	0,2259	0,1713	0,1378	0,1334
Soure	0,2540	0,2845	0,3083	0,3277
Tábua	0,2133	0,1892	0,2188	0,2311

Também os números referidos no quadro acima, se sofrerem a correcção resultante de vários factores (densidade, arborização, etc.) sofrem alterações que fazem com que a ordenação dos concelhos seja a seguinte:

Mira, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Cantanhede, Penacova, Miranda do Corvo, Soure, Coimbra, Tábua, Oliveira do Hospital, Condeixa-a-Nova, Lousã, Arganil, Póvoa do Varzim, Penela, Pampilhosa da Serra e Gois. Do que não há dúvidas é de que nem em todos os concelhos a situação evoluiu favoravelmente e de que entre os que estavam em melhor posição em 1955 do que em 1870 se devem destacar os de Mira, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho e Cantanhede, precisamente aqueles onde igualmente se verificaram aumentos populacionais de certo volume.

Se no distrito de Coimbra a proporção C. N./habitante é, em 1955, inferior à observada em 1870, ocorre-nos perguntar: será que só neste Distrito as coisas se passam deste modo? O que se passará nos outros e por consequência no País? No que respeita ao País, podemos vê-lo no quadro n.º 20.

QUADRO N.º 20

Anos dos arrolamentos	C. N./habitante no território do Continente
1870	0,3143
1934	0,2464
1940	0,2580
1955	0,2420

Como se verifica não foi só no distrito de Coimbra que a proporção C. N./habitante decresceu; proporcionalmente o Distrito mantém-se em melhor posição que o Continente: neste, em 1870, havia 314,3 C. N. por mil habitantes, enquanto que em 1934 havia só 246,4 o que se traduz numa baixa de 21,6 %; no Distrito havia, em 1870, 229,6 C. N. por mil habitantes e em 1934 havia 183,9 o que dá uma baixa de 19,9 %. No Continente, a baixa verificada de 1870 para 1955 foi de 23 %, enquanto que no Distrito a baixa que se verificou no mesmo período foi de 2,9 %.

Para nos apercebermos da posição do distrito de Coimbra em relação aos outros distritos do Continente vamos incluir um quadro, o n.º 21, com a proporção C. N./habitante em todos eles, em relação aos números do arrolamento de 1955. Fizemos, para obstar a que se tirassem erradas conclusões (não teremos caído noutra erro?), o seguinte:

- a) Admitimos para os valores do distrito de Coimbra — densidade populacional, área florestada, proporção C. N./habitante, etc. — um valor fixo.
- b) Relacionámos, em proporção, os valores dos outros distritos com os de Coimbra e assim determinámos os valores que constam do quadro n.º 21.

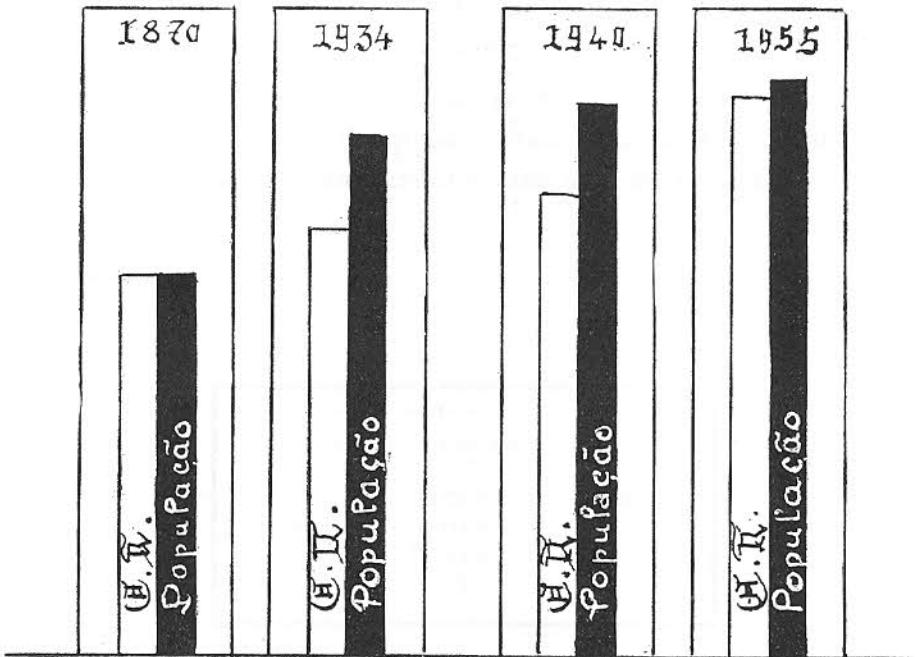
QUADRO N.º 21

Ano	Distritos	Proporção C. N. por habitante
1955	Aveiro	0,61
»	Beja	0,115
»	Braga	0,468
»	Bragança	0,138
»	Castelo Branco	0,128
»	Coimbra	0,223
»	Évora	0,137
»	Faro	0,123
»	Guarda	0,151
»	Leiria	0,247
»	Lisboa	0,200
»	Portalegre	0,155
»	Porto	0,426
»	Santarém	0,134
»	Setúbal	0,107
»	Viana do Castelo	0,464
»	Vila Real	0,195
»	Viseu	0,229

O distrito de Coimbra ocupa a posição n.º 7; relembramos aqui que este distrito é o que proporcionalmente possui maior área florestada pelo pinheiro bravo (quadro n.º 1).

16 — No quadro n.º 18 pudemos observar que por cada mil habitantes do Distrito havia 229,6 C. N. em 1870, 183,9 C. N. em 1934, 192,6 em 1940 e 223,1 em 1955; há, de facto, uma diminuição de 1870 para 1955, mas quanto a nós essa diminuição pode não traduzir um empobrecimento.

GRÁFICO N.º 3



Perguntar-se-á: em que condições é que a diminuição do número de C. N. por mil habitantes pode não traduzir um empobrecimento? Entre outras, respondemos, as seguintes: se no número total de C. N. se compreender um maior número de cabeças naturais de bovinos e um menor número de equídeos; se se tiver registado um aumento populacional considerável e rápido. Na realidade, se se considerar, como é hábito, a bovinicultura como a pedra de toque duma pecuária, podemos dizer que não houve um empobrecimento da pecuária do Distrito porque, nos sucessivos arrolamentos, a espécie bovina está cada vez mais representada no total de C. N., como podemos ver no gráfico n.º 3. Para melhor se avaliar, igualámos as colunas referentes a 1870, colunas que representam o número de C. N. e o número de bovinos.

Para se fazer uma ideia da bovinicultura distrital no conjunto da bovinicultura do Continente damos no quadro n.º 22 a proporção bovinos/C. N. para o Distrito e para o Continente nos anos dos vários arrolamentos.

QUADRO N.º 22

Anos dos arrolamentos	Proporção bovinos/C. N.	
	No Continente	No Distrito
1870	0,4251	0,3666
1934	0,4449	0,4527
1940	0,4487	0,4745
1955	0,4750	0,5202

Note-se que se no arrolamento de 1870 o distrito de Coimbra estava abaixo da média do Continente, daí para cá a sua posição tem sucessivamente melhorado. É um facto que a posição do Distrito neste sector se deve ao considerável aumento dos bovinos leiteiros, mas só em parte, porque também é um facto que o número de bovinos de trabalho tem aumentado.

Vamos dar, no quadro n.º 23, a posição dos concelhos sob este aspecto da proporção bovinos/C. N..

QUADRO N.º 23

Concelhos	Proporção bovinos/C. N.			
	Anos dos arrolamentos			
	1870	1934	1940	1955
Arganil	0,1410	0,2164	0,2262	0,2347
Cantanhede	0,5974	0,7078	0,6681	0,6709
Coimbra	0,3855	0,5361	0,5331	0,5452
Condeixa-a-Nova	0,3479	0,4741	0,4837	0,5168
Figueira da Foz	0,5984	0,5990	0,6183	0,6656
Góis	0,1148	0,1384	0,1430	0,1525
Lousã	0,2493	0,3064	0,3471	0,3311
Mira	0,5027	0,6108	0,7807	0,8173
Miranda do Corvo	0,2701	0,3550	0,3446	0,4216
Montemor-o-Velho	0,5410	0,6828	0,6639	0,7078
Oliveira do Hospital	0,2263	0,1509	0,1480	0,1700
Pampilhosa da Serra	0,1499	0,0990	0,1026	0,1177
Penacova	0,2913	0,3568	0,3587	0,3717
Penela	0,2471	0,2315	0,3097	0,3827
Poiães	0,2507	0,2994	0,3163	0,2942
Soure	0,4543	0,4069	0,4193	0,4950
Tábua	0,2289	0,2665	0,2547	0,2846

Como único comentário chamamos a atenção para o valor elevado que se verificou no concelho de Mira em 1955.

Noutro quadro, o n.º 24 podemos ver a posição do distrito de Coimbra, no que respeita à proporção bovinos/C. N., em relação aos outros distritos do Continente. Note-se que, no momento presente, o número de bovinos é superior em aproximadamente 5000 cabeças ao referido para 1955.

Também aqui o distrito de Coimbra ocupa a posição n.º 7.

Já vimos que no capítulo da bovinicultura a pecuária do Distrito evoluiu favoravelmente, pois não só aumentou o número total de bovinos, como também aumentou a proporção bovinos/C. N. Mas perguntamos: e em relação à população humana, qual será a posição da bovinicultura? Terá aumentado a proporção bovinos/habitante? No quadro n.º 25 vamos ver as respostas a estas perguntas e também o que neste aspecto se passa no Continente.

QUADRO N.º 24

Ano	Distritos	Proporção bovinos/C. N.
1955	Aveiro	0,7407
»	Beja	0,1828
»	Braga	0,7813
»	Bragança	0,3714
»	Castelo Branco	0,2424
»	Coimbra	0,5202
»	Évora	0,2023
»	Faro	0,3957
»	Guarda	0,3268
»	Leiria	0,4099
»	Lisboa	0,5231
»	Portalegre	0,2381
»	Porto	0,7884
»	Santarém	0,3198
»	Setúbal	0,4301
»	Viana do Castelo	0,7814
»	Vila Real	0,5503
»	Viseu	0,5164

QUADRO N.º 25

Anos dos arrolamentos	Número de bovinos por mil habitantes	
	No Distrito	No Continente
1870	84,1	133,6
1934	83,2	109,6
1940	91,1	115,7
1955	116,0	115,0

Se exceptuarmos a pequena baixa verificada de 1870 para 1934 a posição do Distrito tem sucessivamente melhorado em si própria e em relação à média do Continente. A bovinicultura não está pois em decadência no distrito de Coimbra. No quadro n.º 26 podemos observar o que se passa nos concelhos.

Note-se que nem em todos os concelhos onde se verificou o aumento do número de bovinos por mil habitantes; esse aumento se deve exclusiva-

QUADRO N.º 26

Concelhos	Número de bovinos por mil habitantes			
	Anos dos arrolamentos			
	1870	1934	1940	1955
Arganil	59,00	48,20	47,00	47,50
Cantanhede	148,03	148,25	159,42	229,98
Coimbra	64,11	49,87	46,81	51,12
Condeixa-a-Nova	106,61	123,79	128,90	141,22
Figueira da Foz	106,67	112,70	129,44	141,04
Góis	36,30	33,70	26,00	34,70
Lousã	73,40	39,30	44,60	42,60
Mira	113,90	151,80	213,30	303,40
Miranda do Corvo	42,70	45,90	53,60	76,90
Montemor-o-Velho	166,01	219,33	219,94	306,13
Oliveira do Hospital	36,70	16,40	18,50	27,00
Pampilhosa da Serra	31,19	14,38	15,62	24,62
Penacova	75,23	85,41	75,90	83,15
Penela	51,00	63,66	77,65	110,00
Poiães	56,66	51,32	43,61	39,26
Soure	115,41	118,12	127,16	116,14
Tábua	48,93	52,26	54,64	63,20

mente ao aumento do número de bovinos; em alguns casos, por exemplo Penela, verificou-se simultâneamente uma diminuição, ou pequenos aumentos, da população.

Mas se a proporção C. N./habitante diminuiu apesar do aumento da proporção bovinos/habitante, ocorre perguntar: qual ou quais as espécies que diminuíram os seus efectivos? Se examinarmos o quadro n.º 13 e o gráfico n.º 1 veremos que foram os equinos, os muares, os ovinos que em números absolutos diminuíram muito, enquanto que os asininos e os caprinos não aumentaram na mesma proporção que a população. Se repararmos que a diminuição do gado cavalari e do gado muar se traduz por uma redução de 1562 C. N. de 1870 para 1955 podemos concluir que em espécies mais comumente consideradas comestíveis, excepção para os ovinos, se estava melhor em 1955 do que em 1870, mesmo proporcionalmente.

Para os vários arrolamentos podemos ver a seguir o número de cabeças naturais das várias espécies que entravam em mil cabeças normais, no Distrito e no Continente.

Por mil cabeças normais

1870

<i>No Distrito</i>		<i>No Continente</i>	
Cavalar	67,8	Cavalar	64,4
Muar	24,5	Muar	41,9
Asnal	106,9	Asnal	114,6
Bovino	366,6	Bovino	425,1
Ovino	2787,2	Ovino	2249,9
Caprino	1152,9	Caprino	778,7
Suíno	679,6	Suíno	645,7

1934

<i>No Distrito</i>		<i>No Continente</i>	
Cavalar	44,4	Cavalar	49,2
Muar	16,8	Muar	68,6
Asnal	137,9	Asnal	153,6
Bovino	452,7	Bovino	444,9
Ovino	1698,3	Ovino	1844,9
Caprino	928,1	Caprino	719,2
Suíno	740,0	Suíno	651,6

1940

<i>No Distrito</i>		<i>No Continente</i>	
Cavalar	34,8	Cavalar	43,5
Muar	15,1	Muar	65,9
Asnal	126,1	Asnal	129,5
Bovino	474,5	Bovino	448,7
Ovino	1592,8	Ovino	2098,2
Caprino	800,7	Caprino	645,2
Suíno	797,3	Suíno	631,5

1955

<i>No Distrito</i>		<i>No Continente</i>	
Cavalar	18,7	Cavalar	35,8
Muar	10,5	Muar	66,4
Asnal	96,8	Asnal	122,2
Bovino	520,2	Bovino	475,0
Ovino	1252,9	Ovino	1889,2
Caprino	635,4	Caprino	371,8
Suíno	915,6	Suíno	745,9

Olhando os números acima fácil é concluir qual ou quais as espécies que aumentaram ou diminuíram os seus efectivos através dos vários arrolamentos.

No que respeita aos concelhos vamos só referir dois deles, os de Arganil e de Mira por ilustrarem bem duas tendências opostas.

Ver gráfico junto.

1870

<i>MIRA</i>		<i>ARGANIL</i>	
Cavalar	698,83	Cavalar	16,62
Muar	79,90	Muar	18,96
Asnal	6,03	Asnal	25,23
Bovino	471,16	Bovino	141,06
Ovino	130,41	Ovino	5909,97
Caprino	20,35	Caprino	1195,21
Suíno	398,04	Suíno	454,42

1934

<i>MIRA</i>		<i>ARGANIL</i>	
Cavalar	288,68	Cavalar	16,42
Muar	15,87	Muar	31,66

Asnal	82,80	Asnal	37,08
Bovino	610,80	Bovino	216,44
Ovino	9,18	Ovino	3863,49
Caprino	21,30	Caprino	2160,55
Suíno	769,98	Suíno	554,12

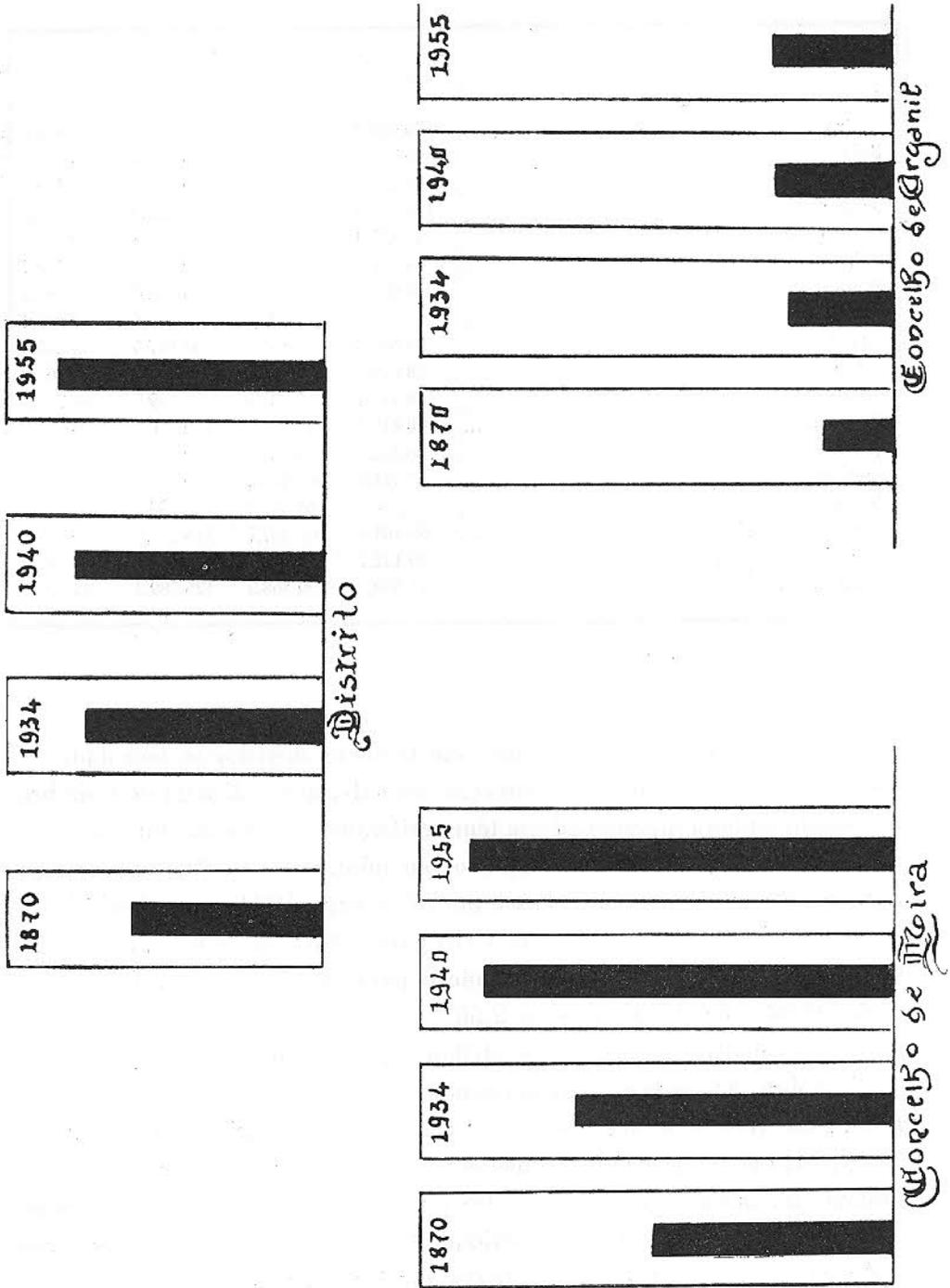
1940

<i>MIRA</i>		<i>ARGANIL</i>	
Cavalar	115,88	Cavalar	13,75
Muar	8,02	Muar	27,28
Asnal	27,60	Asnal	33,35
Bovino	780,71	Bovino	226,22
Ovino	22,79	Ovino	3877,51
Caprino	12,83	Caprino	2098,27
Suíno	559,85	Suíno	555,99

1955

<i>MIRA</i>		<i>ARGANIL</i>	
Cavalar	11,85	Cavalar	14,46
Muar	1,24	Muar	27,26
Asnal	10,39	Asnal	42,67
Bovino	817,37	Bovino	234,73
Ovino	0,83	Ovino	3345,85
Caprino	0,20	Caprino	2009,74
Suíno	683,02	Suíno	749,74

Para melhor se fazer uma comparação, vamos dar no quadro n.º 27 o número de cabeças normais existentes nos distritos do Continente nos vários arrolamentos.



QUADRO N.º 27

Distritos	Número de cabeças normais em:			
	1870	1934	1940	1955
Aveiro	70 920,2	99 931,6	119 982,0	129 093,5
Beja	90 170,2	142 633,7	126 256,6	133 745,4
Braga	92 613,6	131 686,0	140 945,5	145 420,5
Bragança	101 734,9	85 865,1	102 922,9	102 902,0
Castelo Branco	57 137,9	93 942,7	96 497,0	99 272,7
Coimbra	64 427,0	71 294,4	79 324,8	96 410,7
Évora	85 090,2	125 586,5	125 702,4	113 706,5
Faro	37 139,0	69 352,3	67 676,4	71 060,2
Guarda	58 666,3	82 551,8	94 147,6	94 235,0
Leiria	48 679,5	63 301,4	76 312,4	96 862,9
Lisboa	68 572,5	67 831,0	67 639,7	68 771,1
Portalegre	78 819,3	113 834,3	110 906,5	108 767,9
Porto	88 513,1	124 765,6	129 863,6	135 354,0
Santarém	67 311,0	104 870,5	110 837,7	104 630,2
Setúbal	—	63 322,9	66 090,2	64 247,3
Viana do Castelo	52 484,6	107 267,7	114 253,8	110 955,7
Vila Real	69 142,7	90 061,8	97 724,3	94 199,5
Viseu	71 600,1	109 368,3	126 789,3	132 129,6

É fácil verificar-se: que nem em todos os distritos se tem dado aumento constante do número de cabeças normais; que o distrito de Coimbra, não sendo embora aquele onde se têm verificado os aumentos mais substanciais, tem regularmente aumentado o seu número de C. N.. Os aumentos verificados no Distrito cifram-se, de 1870 para 1934, em 10,66 %; de 1934 para 1940, em 11,2 %; de 1940 para 1955, em 21,6 %. As percentagens de aumento para o Continente e para iguais períodos foram, respectivamente, de 45,26, 6,08 e 2,58.

No quadro n.º 28, vamos atribuir ao número de C. N. do distrito de Coimbra nos diversos arrolamentos um valor fixo, 100, para mais facilmente vermos a sua posição no conjunto dos distritos do Continente. Mas, para que essa apreciação melhor se possa fazer e melhor nos elucide, teremos no mesmo quadro e noutro grupo de colunas essa comparação, mas depois de feita a proporcionalidade tendo em conta as áreas dos vários distritos e a parte dessa área coberta por florestas.

QUADRO N.º 28

Distritos	Números comparativos de cabeças normais							
	Sem correcção				Com correcção			
	1870	1934	1940	1955	1870	1934	1940	1955
Aveiro	110	140	151	133	160,7	204,6	220,8	195,4
Beja	139	200	159	137	53,9	77,1	63,3	52,9
Braga	143	184	177	150	205,9	264,9	254,9	216,0
Bragança	157	120	129	106	94,8	72,5	78,0	64,2
Castelo Branco	88	131	121	102	51,9	77,3	71,4	60,2
Coimbra	100	100	100	100	100	100	100	100
Évora	132	176	158	117	70,7	94,2	84,6	62,7
Faro	57	95	85	73	44,5	74,1	66,3	57,0
Guarda	91	115	118	97	65,5	82,8	85,0	69,9
Leiria	75	88	96	100	88,3	101,3	110,5	115,1
Lisboa	106	95	85	71	152,6	136,8	122,4	102,2
Portalegre	122	159	139	112	78,7	102,6	89,7	72,2
Porto	137	175	163	140	237,4	303,3	282,5	242,6
Santarém	104	147	139	108	61,4	86,7	82,0	63,7
Setúbal	—	88	83	66	—	68,2	64,5	51,2
Viana do Castelo	81	150	144	115	152,0	281,4	270,1	215,7
Vila Real	107	126	123	97	99,9	117,6	114,8	90,5
Viseu	111	153	159	136	87,8	108,7	126,3	108,3

Analizando as colunas onde se fez a correcção verifica-se que só em dois distritos houve uma melhoria mais substancial que em Coimbra: Leiria e Viseu, sendo Leiria o que fez um aumento mais regular. As diferenças entre o distrito de Coimbra e os distritos em melhor posição neste capítulo foram sucessivamente sendo menores o que, de certo modo, também serve para demonstrar que, neste distrito que nos ocupa, se deu uma evolução muito favorável.

No que respeita à bovinicultura e para efeitos de comparação com os outros distritos do Continente incluímos o quadro n.º 29. Atribuiremos a Coimbra o valor 100 e faremos a comparação em números não corrigidos e depois de corrigidos à mesma ordem de factores que usámos para o quadro n.º 28.

Fácilmente se pode ver que a posição do Distrito é francamente boa em relação aos outros distritos no que respeita à bovinicultura e, o que é animador, essa posição vem melhorando desde 1870; neste aspecto só o distrito de Viseu mostra uma evolução mais favorável.

QUADRO N.º 29

Distritos	Comparação da bovinicultura							
	Sem correcção				Com correcção			
	1870	1934	1940	1955	1870	1934	1940	1955
Aveiro	199	237	241	190	290	347	352	279
Beja	98	63	51	48	37	24	20	19
Braga	272	321	283	226	391	463	407	326
Bragança	118	98	93	76	72	60	56	46
Castelo Branco	61	68	59	48	36	40	35	28
Coimbra	100	100	100	100	100	100	100	100
Évora	112	72	66	46	61	39	36	25
Faro	67	72	64	56	53	57	50	44
Guarda	63	76	70	61	45	55	50	44
Leiria	69	70	78	79	80	81	89	91
Lisboa	133	100	90	71	192	144	130	103
Portalegre	113	88	69	51	75	52	44	33
Porto	266	309	272	211	461	536	471	367
Santarém	109	92	90	66	65	55	53	40
Setúbal	—	75	68	55	—	58	53	42
Viana do Castelo	178	260	228	172	335	489	429	324
Vila Real	117	139	128	103	107	129	120	96
Viseu	85	167	160	136	67	133	127	107

QUADRO N.º 30

Distritos	Cabeças normais por hectare			
	1870	1934	1940	1955
Aveiro	0,262	0,368	0,443	0,479
Beja	0,087	0,139	0,123	0,130
Braga	0,339	0,482	0,516	0,532
Bragança	0,155	0,131	0,157	0,157
Castelo Branco	0,085	0,140	0,143	0,148
Coimbra	0,162	0,180	0,200	0,241
Évora	0,115	0,169	0,170	0,170
Faro	0,073	0,136	0,133	0,140
Guarda	0,107	0,150	0,171	0,171
Leiria	0,141	0,184	0,222	0,281
Lisboa	0,249	0,247	0,247	0,249
Portalegre	0,128	0,185	0,180	0,177
Porto	0,388	0,546	0,569	0,593
Santarém	0,100	0,156	0,165	0,156
Setúbal	—	0,124	0,129	0,125
Viana do Castelo	0,248	0,408	0,542	0,526
Vila Real	0,163	0,212	0,230	0,222
Viseu	0,143	0,218	0,253	0,263

Por fim, no quadro n.º 30 apresentamos o número de cabeças normais por hectare nos vários distritos do Continente; ainda aqui a posição do distrito de Coimbra é muito lisonjeira, se não nos esquecermos que perto de metade da sua superfície está coberta de pinhal e que é o distrito com maior percentagem de área coberta por pinheiro.

Numa análise de conjunto do que atrás dizemos, podemos estabelecer, como conclusões, o seguinte:

- a) Houve um aumento progressivo do número de cabeças normais no distrito de Coimbra.
- b) Esse aumento, proporcionalmente, foi melhor que em grande parte dos outros distritos.
- c) Mesmo tendo aumentado substancialmente o número de cabeças normais, a proporção C. N./habitante é menor em 1955 do que em 1870.
- d) Apesar de a proporção C. N./habitante ser menor em 1955 do que em 1870, não se deve concluir por um empobrecimento da pecuária do Distrito, porque:
 - 1) houve um aumento muito razoável das proporções bovinos/C. N. e bovinos/habitante;
 - 2) houve uma diminuição das proporções equinos/C. N. e muares/C. N. e das proporções equinos/habitante e muares/habitante;
 - 3) sendo, como principal factor, a bovinicultura que de certo modo pode classificar uma pecuária, o Distrito tem evoluído favoravelmente e muito melhor que em grande parte dos distritos do Continente.

17 — Muito resumidamente, mas de acordo com os preços actuais dos gados e dos seus produtos, vamos dar uma ideia do valor e do rendimento bruto da pecuária do Distrito, tendo por base os números do arrolamento de 1955.

Para os diversos gados considerámos:

Gado cavalari	= Crias, estrume e trabalho
Gado muar	= Estrume e trabalho
Gado asnal	= Crias, estrume e trabalho
Gado bovino	= Crias, estrume, trabalho e leite
Gado ovino	= Crias, estrume, leite e lã
Gado caprino	= Crias, estrume e leite
Gado suíno	= Crias, estrume e carne

Já dissemos que nos servimos dos preços actuais e, por factores vários, os preços «estão na alta» como se diz em gíria de negociantes. O valor dos gados do Distrito é de, aproximadamente, trezentos mil contos (300 000 000\$00). O rendimento bruto deste capital gado, ronda os quatrocentos mil contos (400 000 000\$00).

18 — Na actualidade e mercê de várias causas, algumas já abordadas neste trabalho, a Lavoura está enfrentando dificuldades de mão-de-obra e os salários, se bem que não possam considerar-se elevados em si próprios são-no, no entanto, em relação aos preços dos produtos que a Lavoura vende. Durante o ano os salários dos homens oscilam entre 25\$00 e 70\$00 «mais o vinho» (os proprietários têm que dar vinho aos trabalhadores em quantidades que variam entre 0,5 e 1,5 litros por homem, ou mulher, e por dia); os salários das mulheres variam no decorrer do ano entre 12\$00 e 25\$00 «mais o vinho».

19 — No Distrito existe o hábito de alugar os animais de trabalho, principalmente os bovinos, isto é, há indivíduos que possuem animais e que fazem «geiras». O preço da «geira» oscila entre 90\$00 e 130\$00 conforme o trabalho a realizar; no preço da geira estão incluídos o salário do homem que trabalha com os animais e a utilização das alfaias (arado, carro, etc.).

20 — As Mútuas de gados, os «acordos» como no geral são chamadas (há zonas onde lhes chamam «Sociedades»), existem em todo o Distrito e, em geral, abrangem só o gado bovino, se bem que haja também mú-

tuas de gado suíno e até de gado cavalari (o caso da «Sociedade» dos molleiros). Estas organizações seguradoras funcionam nos mais variados moldes: com estatutos escritos e aprovados, com estatutos escritos mas não aprovados, sem estatutos resultando somente dum acordo verbal entre os sócios, com pagamento de quotas mensais, sem pagamento de quotas, etc., etc. A finalidade destas mútuas é indemnizar o proprietário-sócio em caso de morte ou de acidente de que provenha desvalorização dos animais; nos acidentes estão compreendidos os abortos, as doenças consumptivas, a quebra dos cornos, as mamites, as claudicações, etc. Algumas mútuas têm contrato com um médico-veterinário para a assistência clínica aos animais dos associados. Quase se pode dizer que em cada lugar há uma mútua e desta dispersão resultam os inconvenientes de serem muitos os moldes e de serem muitos a mandar, pois cada mútua tem um presidente, um secretário, um tesoureiro e os «louvados» (Avaliadores dos gados). Lamentamos não poder dizer de quando data a primeira mútua do Distrito, mas cremos, em resultado do inquérito feito, que não andarás muito longe de 1900.

21 — A assistência técnica no capítulo agro-pecuário está no Distrito a cargo dos técnicos dos organismos regionais dos departamentos do Estado, dos organismos de Coordenação Económica, dos organismos Corporativos, das Autarquias locais e das Empresas particulares.

Citamos alguns dos departamentos regionais existentes:

Intendência de Pecuária

XVIII Região Agrícola

Administrações Florestais

Delegação da Junta de Colonização Interna

Inspecção do Comércio dos Produtos Agrícolas e Industriais

Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários

Delegação dos Serviços Hidráulicos

Delegação da Junta Nacional do Vinho

Delegação da Junta Nacional das Frutas

Delegação da Federação Nacional dos Produtores de Trigo

Comissão do Comércio do Arroz

Os técnicos que prestam serviço são médico-veterinários, engenheiros agrónomos, engenheiros silvicultores, regentes agrícolas, feitores agrícolas, etc.

22 — Como indústrias transformadoras de produtos de origem animal, existentes no Distrito, citaremos:

Fábricas de lacticínios, queijarias (caseiras), salsicharias, fábricas de curtumes, fábricas de lanifícios, fábricas de tapetes de lã, centro de abate de aves e de classificação de ovos, etc.

De certo modo ligadas à pecuária, e por isso as citamos, existem no Distrito três fábricas de rações para gados (Coimbra e Figueira da Foz).

23 — Existem no Distrito 353 talhos; destes, 109 vendem carne de todas as espécies, 14 só de bovinos, 100 de ovinos, caprinos e suínos, 22 de ovinos e caprinos, 101 de suínos, 3 de caprinos, 3 de equídeos e 1 de fressuras.

24 — O comércio de gados faz-se através das feiras que em grande número se realizam no Distrito. As de mais nomeada, entre outras, são: os 7 e os 23 em Coimbra, os 6 e os 20 em Cantanhede, os 4 em Condeixa-a-Nova, os 3 em Ferreira-a-Nova, a anual de 24 de Junho em Arganil, os 15 das Febres, os 17 e 28 de Maiorca, os 11 e 30 de Portomar, os 5 e 19 de Tentúgal, os 7 e 24 de Arazede, a da 3.^a quinta-feira do Espinhal, os 1 de Soure, a de S. Martinho em Tábua, etc. As feiras são muito do agrado das gentes desta zona e quase se pode dizer que não há um dia em que não se realize uma feira no Distrito. É um espectáculo pitoresco este das feiras e é curioso observá-lo: «discussões» acaloradas, apertos de mão, pancadinhas nas costas, ar desinteressado, etc., etc., fazem parte do ritual de negócio que, quando se realiza, é sempre selado com «um copo». Os lavradores, em certa medida, estão dependentes dos negociantes, mas a culpa é deles: o lavrador prefere vender numa feira, a um negociante, a vaca de que o vizinho necessita e lhe compraria, do que vendê-la ao vizinho que, por sua vez, a vai adquirir ao negociante que, evidentemente, não dispensa o seu lucro.

25 — Em tempos existiram no Distrito as «Canadas» ou caminhos para gados; eram públicos e por eles circulavam os rebanhos nas épocas de transumância ou quando se dirigiam às feiras. Hoje, essas canadas desapareceram (pelo menos, não tivemos conhecimento da sua existência).

Fevereiro, 1966.

BIBLIOGRAFIA

- «A região a Oeste da Serra dos Candieiros» (Carlos da Silva, Alberto Alarcão e António Poppe Lopes Cardoso.
- «O esforço do Homem na Bacia do Mondego» — Alfredo F. Martins.
- «Le Portugal au point de Vue Agricole».
- «Estatística Agrícola» — I. N. E.
- «Inquérito às explorações Agrícolas do Convinente — 1953» — I. N. E.
- «Recenseamento Geral da População» (1930-40-50-60) — I. N. E.
- «Arrolamento Geral dos Gados e animais de Capoeira» (1870-934-940-955).
- «Conferências» — 1961 (Publicações Gulbenkian).
- «Geografia» — Amorim Girão.
- «Aperçue de la Geografie en Portugal» — Paul Choffat in «Le Portugal au Point de Vue Agricole».

A todos os que tornaram possível a elaboração deste despretencioso trabalho — Ex.^{mo} Sr. Dr. António Simões, digníssimo Intendente de Pecuária de Coimbra, Câmaras Municipais, Médicos-Veterinários, Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Direcção de Estradas do Distrito de Coimbra, Administração dos Serviços Florestais e Aquícolas, XVIII Região dos Serviços Agrícolas, III Serviço do Plano de Fomento Agrário, etc., os nossos agradecimentos pelas informações que amavelmente acederam em nos prestar.